O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 10 DE JUNHO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:270

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—O nosso partido.—Justiça recta.—Os correios em Portugal.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Carta da Figueira da Foz.—Noticiario.—Marquez de Ficalho.—O congresso eucharistico de Jerusalem e a união das duas egrejas.—Representação.—Folhetim: Os Crentes.—Secção scientifica.—Secção agricola.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

O nosso partido

Fiel ás suas tradicções, o partido progressista tem-se apresentado sempre com toda a hombridade, sensatez, força, coragem e amor ás instituições, sem querer crear attritos, sem levantar questões, sem pôr embaraço algum na marcha governativa, nem no tempo em que o sr. Dias Ferreira esteve no poder, e que lhe guerreou aquelles dos mais velhos e mais prestimosos soldados.

Liberal por indole, amante do progresso, tendo por lemma Rei e Democracia, ambos com os respeitos que merecem nos paizes constitucionaes, não quer que a segurança do estado soffra com as impaciencias que outros teem tido. Desde os seus primeiros chefes até hoje, o partido progressista viveu sempre agarrado á sua bandeira, embora alguns transfugas a apedrejassem depois de se terem posto a coberto das suas batalhas gloriosas.

Unido e firme no seu posto, sem ambições do poder, mas sempre correcto e leal, espera que a rotação politica o chame ao poder, sem para isso ir procurar na sizania que vae no partido opposto a gloria do mando.

Infelizmente para a patria a sizania do partido que se nos defronta ha de ser amargurada no paço, onde já *leaes conselheiros* parece que dispõem dos ministerios.

Bem disse Fontes á hora da morte: «conheço que faço falta!»

E dias apóz a sua morte, logo o partido regenerador se dividiu em patrulhas, embora fizessem um manifesto ao paiz dizendo que tomassem por chefe o sr. Antonio de Serpa Pimentel.

Ninguem acreditou a versão, porque as divergencias accentuaram-se logo.

Appareceram *coteries*, patrulhasinhas d'impacientes, e surgiram os chefes a commandal-as sem que fossem generaes e que tivessem merecido as esporas d'ouro. O resultado viu-se.

O partido regenerador dividiu-se e tinha duas bandeiras. Não podia ser. Um partido politico, ou é unido, ou deixou de ser partido. As patrulhas não são mais do que inconveniencias politicas, que só trazem grandes perturbações nos negocios publicos.

Não se podem admittir dois chefes. Isso seria a ruina dos partidos.

Ahi temos as consequencias. O sr. Hintze Ribeiro, caracter a quem prestamos a nossa maior estima pelas virtudes que o exornam, e que, segundo os nossos calculos vem a ser o verdadeiro chefe do partido regenerador, porque tem a linha, ha-de empregar todos os esforços para unir o seu partido, e depor qualquer outro que pretenda apossar-se do bastão do mando. Assim o crêmos, e n'isso teem muitos a sua fé. E a não acontecer isto, o partido regenerador, que foi grande, que se fez temer, que foi respeitado, ha-de eclipsar-se, e teremos então essas patrulhas incommodativas que foram os espantalhos de Fontes e que elle fazia desapparecer com aquelles rasgos d'*acção politica que o* distinguia.

O que é preciso, como diz o nosso estimavel collega o *Correio da Tarde*, é que o partido regenerador se una, e são esses os nossos desejos, embora militemos no partido que lhe é adverso; mas para nós ha só um dever:

A patria acima de tudo.

Justiça recta

Na sua ultima sessão, o Supremo Tribunal Administrativo deu provimento ao recurso interposto pelo nosso collega, Firmino de Vilhena, contra a sentença que annulara a deliberação que o fizera secretario da camara municipal d'este concelho.

Foi relator do processo o sr. conselheiro Guilhermino de Barros, illustre director geral dos correios, telegraphos e pharoes, votando, sem divergencias, os srs. conselheiro Luciano de Castro, conselheiro Cau da Costa, e conselheiro Julio de Vilhena.

Ficou assim desagravada a justiça, em toda a sua plenitude. Honrada e nobilissima missão, aquella dos que teem como dever desaffrontar o direito, e como mister augusto o sacerdocio da lei e da justiça.

Os correios em Portugal

Como estão, são impossiveis. De toda a parte surgem queixas e mais queixas contra o extravio de correspondencia, roubos de dinheiros, empalmação de cartas com notas e documentos e outros objectos que fazem grande transtorno áquelles a quem são subtrahidos. Já na camara alta, o digno par do reino o sr. conde de Thomar, pediu providencias que obstem ao estravio das cartas e sabemos que na electiva tambem se vão pedir providencias a tal respeito. Isto é que não pode continuar assim, por que causa grandes transtornos a toda a gente.

Ainda este mez, um nosso presado amigo e distincto collega, foi victima d'um roubo d'uma carta remettida de Lisboa contendo notas dentro, e até hoje nada se sabe.

Demais, em Lisboa nem sequer sabem as direcções dos correios, mandando cartas para direcções onde não pertencem. N'outras conta-se o que vem nos bilhetes postaes, e até n'uma parte que por agora não dizemos, por que se ha de proceder a uma rigorosa syndicancia, os estranhos sabem primeiro, que um individuo tem um vale do correio para o roubarem antes que elle o saiba.

O § 25.º do art. 145 da Carta Constitucional diz o seguinte: «O segredo das cartas é inviolavel. A administração do correio fica rigosamente responsavel por qualquer infracção d'este art.»

Ora transcrevemos este § para que alguns dos senhores directores do correio e distribuidores dos concelhos e aldeias o saibam.

Nenhuma carta, nenhum bilhete postal, nenhum vale do correio se pode divulgar porque é expressamente prohibido. Demais temos conhecimento de que ao mesmo nosso amigo tem faltado cartas, e uma que elle nos enviou, não nos foi entregue.

Vamos pois encetar uma crusada contra essa sucia de ladrões que infestam alguns dos correios de Portugal, salvas honrosissimas excepções, como as do correio d'esta cidade, onde sabemos que se procede com a maior probidade, tanto no pessoal da respectiva direcção, como nos distribuidores de quem até hoje não ouvimos uma unica queixa, nem ha motivo para a haver, porque são funccionarios exemplarissimos os que aqui servem.

Providencias, sr. ministro das obras publicas! Providencias, sr. administrador geral dos correios. Proceda-se a rigorosas syndicancias, e castiguem-se esses homens que podem, com o roubo das cartas, causar graves prejuizos.

Sabemos que o muito digno e muito respeitavel sr. director geral tem feito quanto de si depende para collocar a sua vasta repartição acima de toda a suspeita, mas nem tudo pode infelizmente a sua louvavel vontade. Mas ha-de poder porque tem vontade e quer, e o seu zelo é inexcedivel.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

O mais importante das noticias que nos chegam do estrangeiro é a terminação da guerra nos estados insurrectos do Brazil. Noticias telegraphicas officiaes d'alli dizem que os principaes chefes da insurreição do Rio Grande do Sul depozeram emfim as armas. Espera-se que a situação do Brazil melhore por isso.

O cambio bancario sobre Londres, porém, continua baixo—10 1|4, mas com tendencias para a alta.

No parlamento inglez continua a discussão do *home rule bill*, e apesar da obstrução que lhe oppõe o partido conservador, o artigo 3.º do projecto foi já votado.

A França oppõe-se por todos os modos possiveis á invasão do cholera no seu territorio, guardando a sua fronteira com todas as precauções que a sciencia recommenda. E a Hespanha por seu lado faz o mesmo.

CARTA DE LISBOA

9 DE JUNHO DE 1893.

O successo mais importante da semana foi a resolução tomada pela camara na questão da eleição de Thomar—foi a resolução tomada e foi a discussão que o caso provocou. Abstenho-me, e muito propositadamente, de profundar o assumpto, porque, verdade verdade, nem tudo o que alli se passou teve os foros da imparcialidade, da cordura e do bom criterio, que n'um caso tão importante devia ser norma para todos, e infelizmente não foi isso o que succedeu. As paixões mais violentas, a guerra pessoal mais acentuada desenvolveram-se alli em toda a sua pujança, e eu, e creio que comigo muita gente, não gostou, pois que tudo se podia conseguir sem isso. Emfim a questão é finda. O sr. conde de Burnay desistiu da sua candidatura e a camara acceitou-lhe a desistencia. Se o eleito é portuguez, mal foi negar-lhe assento na camara onde portuguezes e só portuguezes devem ter entrada; se é estrangeiro não cabe alli quem o for.

— Foi bem recebida aqui a resolução do Supremo Tribunal Administrativo, que deu vencimento completo ao recurso do nosso estimado collega e amigo, Firmino de Vilhena. E' uma das questões mais repleta de justiça que tem vindo áquella instancia superior—dizem-o os proprios juizes. E assim é. O julgamento foi por unanimidade. Insuspeitos como são os honrados julgadores, o julgado tem mais força por isso. Entre quatro, apenas um é progressista, pois que os outros são todos regeneradores. E' que alli não se sacrifica ao monstro da politica o sacrosanto principio da justiça, e ainda bem que é assim.

— Na proxima quarta-feira parte para a Allemanha o sr. conde da Redinha. Vae assistir ao casamento da sr.ª infanta D. Maria, irmã mais nova do sr. D. Miguel de Bragança, na qualidade de chefe do partido legitimista.

— Sua Magestade a Rainha, viuva, e o sr. infante D. Affonso, regressam a Lisboa até 15 do corrente.

— Está aqui a ex.ma sr.ª condessa de Penha Longa. Esta respeitavel senhora vem tomar conta do importante espolio da casa de seu fallecido marido, do qual a intrusão pretendeu apossar-se, mas felizmente sem effeito—graças aos tribunaes superiores d'este paiz, onde a justiça não é ainda uma palavra vã. E' de crer que s. ex.ª vá residir no palacio onde seu marido se finou, que tão seu é.

— O sr. Neves e Castro, muito digno juiz da comarca d'Anadia, é quem vem substituir o actual juiz do commercio de Lisboa, que tem de ser promovido á Relação. A substituição é digna do mais geral applauso, porque o sr. Neves e Castro é um dos magistrados mais intelligentes e mais dignos da judicatura portugueza.

— Estão actualmente na Figueira e são alli hospedes de seu respeitavel sogro e pae os srs. conde de Monsaz.

— Partiu ha dias para a sua casa d'Estarreja o muito digno deputado por esse circulo, sr. Barbosa Sotto Mayor. Sua ex.ª regressa breve ao parlamento, onde a sua presença é sempre desejada pelos seus amigos.

— Sabe-se agora que o Porto reage por todos os modos contra a classificação de terra de 1.ª classe para o pagamento dos impostos. Pois que se trata de lezar os interesses de seus habitantes, a grande cidade reage em defeza dos seus interesses: faz o que todos fariam no seu caso, pois que a honra da equiparação com o capital do paiz, lhe fica por esse modo cara.

— O subsidio anteriormente concedido aos deputados vae ser restabelecido, não por nova proposta n'esse sentido, mas pela não approvação do decreto que o extinguiu. E' a negação do *bill* que por esse modo restabelece o subsidio, que era uma tenue indemnisação para o sacrificio que muitos fazem em acceitar o encargo de representar o paiz no parlamento.

— Affirma-se que está proximo do seu termo o accordo entre o governo e mr. Hersent sobre as obras do porto de Lisboa. O empreiteiro tomará de novo conta dos trabalhos e effectual-os-ha n'um praso curto. O governo tem gasto alli desde que tomou conta dos trabalhos, cerca de 280:000$000.

— O sr. ministro da fazenda conseguiu completar fóra do paiz, em condições favoraveis, o levantamento do dinheiro preciso para o pagamento do coupon de julho, na importancia de cêrca de 270:000 libras. D'este modo não pesará o thesouro sobre o mercado para aggravar a situação dos cambios.

— Mais um facto para lamentar é a morte prematura do sr. Gomes de Sousa Junior, redactor e co-proprietario do *Reporter*. Moço ainda, com 27 annos de edade, caracter immaculado, e chefe de familia exemplar, foi victima de um typho, molestia que aqui está flagellando muita gente, e que se attribue á incuria da camara, pois que anda fazendo a limpeza dos canos da cidade n'uma epoca d'estas! Deixa uma espoza virtuosissima, dois filhinhos, e um nome que nenhuma malevolencia poderá empanar.

— Em Lisboa vae effectuar-se um importante melhoramento. A commissão executiva da camara municipal approvou uma proposta do sr. conde de Restello para que se officiasse ao governo pedindo que, pelo ministerio da marinha, fosse concedido á camara o terreno onde está construido o annexo do Arsenal da Marinha, desde o largo do Corpo Santo até defronte da travessa do Cotovello, afim de ser alargada a rua do Arsenal, e mais uma facha que deverá ser roubada ao edificio do Arsenal e que permitta construir-se uma arcada, á imitação da praça do Commercio, e que será destinada á passagem dos peões. Esta arcada deverá começar na porta do Arsenal, isto é, no largo do Pelourinho, e prolongar-se-ha sobre o primeiro andar d'aquelle edificio, até á travessa do Cotovello. Parece que será esta a fórma mais facil e economica de alargar aquella importantissima arteria da capital, melhoramento ha muito reclamado por toda a gente. Se a obra se effectuar, como se espera, dever-se-ha tão importante e tão preciso melhoramento á iniciativa do sr. conde de Restello a quem Lisboa, e mais especialmente Belem, devem já tão grande copia de melhoramentos.

— Tivemos aqui um incendio importante. Foi uma explosão de gaz o que deu origem ao incendio do mercado 24 de julho. A explosão deu-se no logar do sr. Carlos Carinhas da Costa, n.º 43, no momento em que pessoa da familia chegou uma luz ao contador, que tinha uma rotura. N'esse logar e nos n.os 44 e 47, tambem do sr. Carinhas, havia pez, alcatrão, alcool e outros artigos, que ajudaram a activar o incendio, que em pouco tempo tomou enormes proporções, propagando-se rapidamente aos outros pontos da praça. O fogo destruiu os logares indicados e mais os n.os 39, 41, 47, 48, 52, 65 e 67, egualmente do sr. Carinhas, e seguros na Fenix e Tagus; o logar 31, de bebidas, de Manuel Gargamallo, sem seguro, os 35 e 37, 37 Antonio Padeiro, sem seguro, o 38, de Antonio Joaquim Teixeira, sem seguro, o 42, de Francisco Augusto Simões, com petrechos de embarcações com seguro na Fenix em 350$000 réis, o 46, venda de atum, de Manuel de Jesus Alho, sem seguro, o 37, de Anna Russa, com venda de vinhos e tabacos, sem seguro, o 34, venda de vinhos de Fernandes Gallego, sem seguro, os 36 e 38, occupados pelo talho municipal n.º 167, o 39, venda de vinhos e tabacos, de Antonio Valente Teixeira, sem seguro, o 4, venda de gallinhas, de Domingos Rico, sem seguro, e o 33, venda de gallinhas, de Domingos Gallinheiro, sem seguro. São avaliados os prejuizos em mais de 90 contos, incluindo os 40 perdidos pelos srs. Lezamette, Nascimento e Cinatti, successores da Compania Real de Agricultura Portugueza. Estes senhores tinham seguro de 60 contos na Indemnisadora, Fidelidade, Queen e Norwich.

As companhias interessadas no incendio: são a Norwoch Union, réis, 20:000$000; Queen, 20:000$000 réis, Fidelidade, 9:000$000 réis; Indemnisadora, 11:000$000 réis.—Total, réis, 60:000$000.

Os logares que arderam acham-se seguros nas companhias Bonança e Tagus, sendo porém a maior parte na Fenix.

— No principio da semana proxima deve sair o annuncio para a adjudicação da fabrica de vidros da Marinha Grande. A empreza actual, tendo feito todos os esforços para obter prorogação do arrendamento sem concurso, envida agora todos os esforços para que seja tão grande o deposito que possa afastar os concorrentes. Ainda que consiga este resultado, do que duvidamos, não logrará o seu fim. O sr. ministro das obras publicas prometteu, que entre as condições do concurso se imporia ao adjudicatario a obrigação de ter uma escola industrial para instrucção dos operarios.

— A India reclama tambem a criação de conventos de frades para aquelle Estado. Na ultima correspondencia d'alli vieram representações n'esse sentido. E' que todos estão convencidos de que sem a montagem d'esta util e inofensiva instituição, na Africa principalmente, o nosso poder alli ha de ser sempre ephemero.

— Não ha bastante segurança de que o cholera que flagella já algumas povoações do norte da Europa não venha ameaçar-nos tambem, e por isso a Hespanha já se preveniu contra o mal. Felizmente restam-lhe ainda do milhão de pesetas votado no orçamento de 1891 a 1892, 700 mil pesetas, isto é, 140:000$000 réis, dos quaes o governo de Madrid vae dispôr agora para varias despezas sanitarias. Augmentou o pessoal de fiscalisação nas fronteiras, mandou para lá medicos com as gratificações de 13$500 réis diarios, e ordenou que de 15 a 20 d'este mez, o serviço esteja todo montado.

— Na camara dos deputados não tem havido sessões. Não a houve hontem nem a haverá ámanhã, porque muitos dos deputados sahiram de Lisboa.

— O tratado de commercio com a Hespanha foi approvado na camara alta, depois d'um importante discurso proferido alli pelo sr. conde de Casal Ribeiro.

— Vão determinar-se as obras necessarias na ria d'essa cidade, como tão urgente é. Affirmam-me isso.

— Morreu o genro do sr. conde de Burnay, que ainda ha pouco foi operado em Paris. Y.

CARTA DA FIGUEIRA DA FOZ

8 DE JUNHO DE 1893.

Meu presado amigo.—Como v. e os seus leitores viram pelos quesitos e respostas que transcrevi na minha ultima carta, foram dois os motivos que a camara pretextou para dar a demissão ao amanuense Florido da Cunha Gouveia. O primeiro foi, ter elle ido á imprensa justificar a rasão por que não compareceu no funeral do sr. João José da Costa, e defender-se da offensa que lhe fez o jornal dos srs. presidente e secretario da camara; e o segundo, foi o facto que lhe é imputado (pela camara actual) de ter *em tempo* (!) ameaçado o secretario em exercicio, de lhe atirar com um tinteiro á cara, dentro da secretaria.

São porem muito diversos os motivos que determinaram tanto a suspensão como a demissão do referido amanuense, mas esses não convinha á camara dizel-os.

Um d'elles é, como já disse, ter elle o mau gosto de ser progressista; e outro, ter concorrido ao logar de secretario da camara, e estar resolvido a reclamar contra a injustiça que lhe foi feita. Eis o caso:

Em janeiro do corrente anno foi aberto concurso pelo praso de 30 dias para provimento do logar de secretario da camara municipal d'este concelho, e concorreram a elle o dito amanuense Florido da Cunha Gouveia, que tem onze annos de bom e effectivo serviço na secretaria da mesma camara, Antonio Boaventura Dias Nestorio, ex-thesoureiro da camara, Rodrigo Alberto Peixoto Galvão d'Oliveira, fiscal das contribuições indirectas, e Antonio Augusto Dias Nestorio, ex-amanuense da administração do concelho, editor, administrador e redactor (!) da *Correspondencia da Figueira*, e então secretario interino da camara, logar este para o qual tinha sido nomeado em sessão de 4 do referido mez de janeiro, para poder allegar este motivo de preferencia. A camara, em sessão de 1 de março deliberou nomear este ultimo, praticando uma flagrante injustiça, que os tribunaes competentes não pódem deixar de reparar.

O decreto de 5 de janeiro de 1887, que regula o provimento d'estes logares, diz no art. 9.º que,—os requerentes deverão instruir os seus requerimentos, escriptos, assignados e reconhecidos nos termos do art. 2.º, com os documentos mencionados nos art.os 1.º, 2.º, 3.º e 4.º do mesmo artigo, e certidão de exame de admissão aos lyceus, e alem d'estes com outros que próvem a sua aptidão *escripturação e contabilidade*. E o art. 14.º do citado decreto de 5 de janeiro de 1887, dizem que,—são motivos de preferencia para o provimento do logar de secretario o *bom serviço prestado nas secretarias das camaras municipaes, e em repartições administrativas*, e a superioridade de habilitações scientificas e litterarias, especialmente as de formatura em direito, e as dos cursos de direito administrativo e do commercio.

Nenhum d'estes motivos de preferencia tinha o individuo nomeado, como vou demonstrar.

1.º—Não provou que tivesse aptidão *em escripturação e contabilidade*, como a lei exige, por que a sua escripta é um amontoado de erros orthographicos:—como vulgarmente se diz—não sabe escrever:

2.º—Não provou tambem que tivesse *bom serviço prestado nas secretarias das camaras municipaes, e em repartições administrativas*, por que n'aquellas nunca prestou serviço antes da sua nomeação para secretario interino, e n'estas, tendo sido nomeado amanuense da administração do concelho por alvará de 31 de agosto de 1881, foi demittido d'este logar em 6 de fevereiro de 1888, por sair em excursão pelas freguezias das Alhadas e Maiorca, fallando ao povo, para reagir contra as determinações do governo que então estava no poder.

3.º—finalmente, porque ignoro se satisfez á condição exigida no art.º 2.º n.º 4.º do referido decreto de 5 de janeiro de 1887, em vista de um documento que tenho presente.

Na minha proxima carta concluirei a historia d'este escandalo, para depois lhe dar noticia de outros de igual quilate, uns já realisados, e outros em projecto, os quaes hão-de tornar celebre a actual vereação municipal d'este concelho.

W.

NOTICIARIO

Enlace.—Na parochial egreja de Nossa Senhora da Gloria, e pelas 4 horas da manhã de hoje, uniram-se pelos indissoluveis laços do matrimonio, a ex.ma sr.ª D. Crisanta Augusta Regalla, gentil e presada filha do illustrado clinico d'esta cidade, sr. dr. Luiz Regalla, com o nosso presado amigo, sr. Francisco de Rezende.

Foi celebrante o rev.º parocho encommendado da freguezia, assistindo um grande numero de convidados, parentes e pessoas das mais intimas relações dos conjuges.

Da noiva foram paranimphes a ex.ma sr.ª D. Maria das Dores Regalla, virtuosa esposa do sr. Francisco Regalla, e seu extremoso pae; do noivo, sua irmã, a ex.ma sr.ª D. Maria Joanna de Rezende, e dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães.

Já dissemos que esta união é, para quantos conhecem a pureza do affecto que a gerou, uma garantia de venturas, que certamente disfructarão os consorciados, porque reunem apreciaveis dotes de alma e alliam a estes sentimentos uma esmerada educação.

Nunca, porém, será demais exalçar as qualidades que ambos possuem, e que ninguem tem melhores nem mais apreciaveis. Pode bem affirmal-o quem tem o prazer de conhecer-lhes de perto o caracter nobre e generoso, como nós, a quem os ligam os mais estreitos laços de franca e verdadeira estima.

A' graça e á belleza natural, que tão distincta tornam aquella senhora, soube ella reunir tambem a gentileza do espirito e a formosura da alma.

Aos sentimentos que o inspiram e á educação cuidada de que faz galla, allia o noivo outros incontestaveis merecimentos e illustração.

Assim, pois, affigura-se-nos este consorcio deveras auspicioso, e são por isso os nossos mais ardentes votos.

Depois da cerimonia religiosa, foram os noivos, acompanhados de todos os seus convidados, para a quinta de Arnellas, propriedade de seu cunhado e nosso amigo, sr. Luiz de Vasconcellos Dias, onde lhes foi servido um bello almoço, e onde contam passar a sua lua de mel.

No fim, foram-lhes feitos numerosos brindes, a que os noivos correspondiam com a delicadeza e affabilidade que lhes são peculiares.

Na *corbeille* da noite tivemos occasião de ver innumeras prendas, que o limitado espaço de que podemos dispor hoje nos não permitte descrever, e entre as quaes avultam valiosos objectos de prata, ouro e brilhantes, como cristaes, louças antigas, etc., e outras dadivas de valor.

Uma vez mais, fazemos votos pela sua felicidade, por toda a felicidade de que são dignos. A todos os seus os nossos parabens.

Notas da carteira.—Continua melhorando dos seus padecimentos, o que é para nós motivo de prazer, a ex.ma sr.ª D. Maria Emilia de Moraes Sarmento, respeitavel mãe do nosso querido amigo e illustre deputado da nação, sr. José Estevam de Moraes Sarmento. Que essas melhoras continuem e o completo restabelecimento d'aquella respeitavel senhora se faça depressa, é o que cinceramente desejamos.

— Aggravaram-se um pouco mais os padecimentos de que ha tempos vem soffrendo a ex.ma sr.ª D. Benedicta Nobre dos Santos, digna esposa do nosso amigo e proprietario da *Casa Africana*, de Lisboa, sr. Antonio Nunes dos Santos. Fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

— Regressou da capital o nosso prezado collega e amigo, sr. Firmino de Vilhena, que alli foi muito cumprimentado e alvo das mais honrosas e distinctas manifestações. As nossas boas vindas.

Fallecimento. — Acabamos de ser surprehendidos pela infausta noticia do fallecimento da ex.ma sr.ª D. Venancia Rosalina de Moraes Sarmento e Lucena, esposa querida do nosso ha pouco fallecido amigo, sr. José Ferreira Lucena, e irmã idolatrada do honrado militar, sr. Jeronymo de Moraes Sarmento, reliquia veneranda do velho partido liberal.

Com o coração tranzido de dôr, porque a illustre fallecida nos era tudo pelo coração e pela afinidade, limitamos-nos hoje a dizer, que é de Deus uma das mais respeitaveis senhoras que esta terra tem produzido.

Parte distinctissima d'uma familia de martyres liberaes, a virtuosa octogenaria deixou o mundo poucos dias depois do seu presado marido e nosso nunca esquecido amigo o haver deixado.

No Ceu estão ambos os que na terra foram exemplo de honradez, d'amor, de virtude e da mais notavel isempção.

Coração de Jezus.—No 1.º do corrente começaram os exercicios do mez do Coração de Jezus, na real egreja que do Redemptor tomára o nome e cujo mosteiro está hoje convertido em collegio de Santa Joanna. Os exercicios são ás 7 horas da manhã, excepto aos domingos, que são ás 6 e meia da tarde. São cantados pelas virtuosas senhoras recolhidas e com exposição do Santissimo Sacramento á bocca do sacrario.

Trezena.—Começou na segunda-feira, na egreja de Santo Antonio, a trezena em honra do thaumaturgo portuguez, que tem sido muito concorrida. E' a grande instrumental e toca alli a philarmonica *Amizade*.

A respectiva festividade terá logar no domingo, 18 do corrente, que, bem como a trezena, é a expensas d'alguns devotos, constituidos em irmandade para celebrarem as virtudes de Santo Antonio.

S. João. — Alguns devotos tencionam festejar o Santo precursor, tanto no seu *respectivo templo, como* no largo do Espirito Santo.

Oitavario. — Terminou na quinta-feira este religioso exercicio, que em honra do Santissimo Sacramento se celebrou na egreja de S. João Evangelista (Carmelitas), a expensas das senhoras recolhidas no antigo mosteiro d'aquella invocação. Foram ellas as cantoras, esmerando-se muito na decencia do culto e no apurado do canto. Em todas as tardes foi grande o concurso de pessoas de todas as classes a visitarem o Santissimo Sacramento, exposto á veneração dos fieis. Estes alli estiveram orando e lendo com todo o respeito e seriedade, o que prova que entre nós não está de todo extincto o sentimento religioso, com o que muito nos congratulamos.

Irmandade das Almas.—Consta-nos que alguns devotos tratam de reorganisar na egreja parochial de Nossa Senhora da Gloria, a irmandade das Almas, extincta ha muitos annos tanto por falta de pessoal, como por falta de meios.

A respeito d'esta louvavel ideia, fallaremos em breve mais detidamente.

Obras.—Acham-se muito adiantadas as obras das sacristias da egreja de Nossa Senhora da Apresentação. E' isso devido ao zelo da junta de parochia e aos esforços do muito digno prior d'aquella freguezia. Concluidas ellas, ficam alli quatro boas repartições, adequadas ao serviço da egreja e para a arrumação dos objectos do culto, pertencentes ás irmandades alli estabelecidas.

A molestia das vinhas.—O sr. visconde de Chancelleiros, n'uma das ultimas sessões da camara dos pares, chamou a attenção do governo sobre as providencias, que devem ser tomadas para se combaterem os estragos da invasão do *mildiw* nas vinhas e provavelmente nos batataes e nos tomateiros. Nos batataes houve grandes prejuizos; nos vinhedos os prejuizos são enormes. Em muitos a doença não só destruiu a colheita d'este anno, mas prejudicou a do futuro, porque as varas não atemporão e não darão poda propria para frutificar. O unico remedio contra esta terrivel doença é o sulfato de cobre em diverssos estados, como no de calda bordeleza e outros. Parece-nos, pois, indispensavel isentar de direitos o sulfato de cobre, e além d'isso o governo deve facilitar analyses economicas aos viticultores a miudo ludibriados por lhe venderem sulfato de cobre falsificado com sulfato de ferro. Além d'isso a pratica prova, que das actas europeias umas são mais outras menos resistentes á doença, que principalmente se manifesta nos annos humidos. Deve, pois, aproveitar-se a enorme invasão d'este anno para empregar activamente os agronomos, em percaverem as vinhas e estudarem as resistencias relativas das diversas castas.

Carta de Vagos.—Por falta de espaço e porque chegou tarde, não publicamos hoje a carta do nosso estimado correspondente de Vagos. Irá no n.º proximo.

Trabalho no mar.—O mar continua bom, as companhas trabalham em todas as costas e a pesca continua a ser boa sardinha que no mercado tem hoje o preço de 850 reis o milheiro. Como são muitas as companhas a trabalhar e todas pescam mais ou menos, e como não são ainda pescas de recolher, o preço do genero tem baixado bastante, como se vê.

Trabalho nas salinas—Recomeçou, agora mais utilmente, o trabalho nas salinas. Se o tempo assim continuar, ainda este mez haverá sal novo.

Mercado de gado.—A's feiras concorre agora menos gado, mas a procura para os talhos e para a soga é ainda regular. O gado gordo que havia pode dizer-se que está vendido, sendo as vendas por preços que deixaram satisfeito o lavrador, pois que é ainda a engorda do gado a que lhe dá alguma cousa.

Attenção. — Chamamos a attenção dos srs. assignantes da *Vinha Portugueza* para o seguinte:

Tendo o sr. Antonio Pereira Alves publicado no numero de abril da «Vinha Portugueza» um artigo ácerca dos Enxofres Cupricos, a que a Companhia Portugueza Hygiene julga dever responder, para uma justa apreciação dos factos, e no proprio interesse da viticultura, e tendo a respectiva resposta sido enviada tarde, quando estava impresso o numero de maio da mesma publicação, a direcção da mesma companhia pede aos srs. assignantes da «Vinha Portugueza» o obsequio de enviarem o seu nome e indereço ao escriptorio da mesma companhia, Praça de D. Pedro, 50, 1.º afim de lhes ser remettido o seu Boletim d este mez, no qual publica a referida resposta.

Falta d'operarios. — De Setubal acabamos de receber um bilhete postal que diz:

«SETUBAL, 8 DE JUNHO.—Ha aqui grande falta de carpinteiros e pedreiros. Os que quizerem vir ganhar 600 réis diarios dirijam-se ás obras do atterro aos mestres Cardoso e Marques, que lhe darão trabalho por este preço, garantindo-lh'o por cinco mezes.»

Os operarios que precisarem trabalho podem pois dirigir-se áquella cidade e aos mestres d'obras, cujos nomes se indicam.

Mais um.—O recebedor de Guimarães apparece alcançado n'uma quantia excedente a 20:000$000 réis.

Noticias d'Agueda.—São da *Soberania* as seguintes:

Esteve n'aquella villa o muito rev.º sr. Luiz Avelino de Figueiredo, digno secretario do muito respeitavel sr. arcebispo de Mitylene.

— Falleceu alli d'um ataque de paralysia e com 82 annos, a mãe dos srs. Benjamin e Izaac de Pinho Camossa. Aos doridos, nossos bons e honrados amigos, enviamos d'aqui a expressão do nosso sentimento.

— Manuel Paquete, da Giesta, tinha vindo de Lisboa na terça-feira e viera a Agueda tratar dos seus negocios. Trazia uma carteira com 60$000 réis em notas do Banco de Portugal e perdeu-a na estrada d'Agueda á Borralha, junto á povoação dos Casaes. Passava felizmente por alli o sr. Eduardo de Pinho e Freitas, official do juizo e moço houradissimo, que entregou a carteira ao seu dono, logo que este appareceu, chorando e lastimando-se. Não elogiamos o achadôr, que não era capaz de outro procedimento, porque as suas excellentes qualidades são geralmente reconhecidas.

— No domingo de manhã uma tal Maria Seboleira, de Barrô, vinha d'aquella freguezia para a Borralha, na maior força do calôr. No meio d'um pinhal, cremos que em Fujacos, Seboleira sente-se muito afflicta e cahio pesadamente no chão, começando a deitar sangue pela bocca e pelo nariz. Quando a levantaram era já cadaver. Dizem que a morte foi occazionada pelo intensissimo calôr que fazia.

— O *mildiw* continua a sua marcha devastadora. Ha muita gente que teima em não pulverisar os vinhedos com o sulfato de cobre. Pois os que assim fizerem ficarão sem vinho, emquanto que os que tratarem as videiras verão as suas adegas cheias. Levam uma boa lição os teimosos e recalcitrantes.

Um roubo importante em Coimbra.—Em data de 6 dizem-nos d'alli o seguinte:

A auctoridade judicial d'esta comarca, ao proceder ao arrolamento e inventario orphanologico dos bens de Maria do Patrocinio Castanheira, fallecida n'esta cidade, sem descendencia, no 1.º de maio findo, teve fundadas suspeitas de que alguem se apropriára de uma parte importante do espolio da herança, que ella testára, afóra alguns legados, aos seus sobrinhos, residentes em Figueiró da Serra, concelho de Gouveia.

As pessoas que conheciam de perto o viver de Maria do Patrocinio, calculavam a sua fortuna em mais de réis, 40:000$000. Fôra ella a ultima representante da familia Castanheira, da Couraça de Lisboa, conhecida ha longos annos como a principal fabricante das afamadas arrufadas de Coimbra. Era de esperar, pois, que a velhinha possuisse um avultado peculio, fructo de uma industria rendosa durante quasi meio seculo. Ao contrario, porém, de tal presumpção, a justiça só encontrou para arrolar um insignificante mobiliario e alguns centos de mil réis. D'aqui a principal suspeita de que houvera um desvio importante na fortuna da finada. Das diligencias porém muito acertadas, a que a authoridade judicial procedeu logo, resultou o conhecimento de que o delicto fôra commettido por A. dos Santos da Fonsecca, morador na rua dos Gatos. Este individuo, viuvo de uma sobrinha de Maria do Patrocinio, assistira aos seus ultimos momentos e ficára senhor da casa durante alguns dias, aproveitando-se d'esta circumstancia para realisar o roubo, de que foram compartes confidenciaes o estudante de preparatorios do Seminario A. Luiz Castanheira e sua mãe, tambem proximos parentes da finada. Estes, porém, tendo conhecimento das diligencias da justiça, fizeram hontem voluntariamente a restituição, entregando ao meritissimo juiz 3:942$250 em libras, 60$000 em notas do Banco de Portugal, 7$000 em prata miuda, e 4:500$000 em titulos ao portador, na importancia total de 8:509$250.

Hoje pelas 7 horas da manhã foi dada busca ao domicilio de A. dos Santos da Fonseca, diligencia habilmente desempenhada pelos srs. juiz de direito, delegado do procurador régio e escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

O resultado foi o mais satisfactorio que se podia desejar. Fonseca, vendo-se surprehendido, perturbou-se bastante, mas negou absolutamente que tivesse em seu poder quaesquer valores do espolio da tia de sua fallecida esposa. Advertido pelo sr. juiz de direito de que lhe era mais vantajoso fazer a restituição voluntaria n'aquelle momento, negou ainda com persistencia o facto de que era incriminado. Foi então que se principiou a busca. Logo ás primeiras diligencias foi encontrada uma meia de algodão enterrada em um vaso de flôres (trepadeiras) a qual continha 1:195 libras, 74 meias libras, 39 moedas de 5$000, 16 ditas de 2$000; total, 5:701$000. N'outros esconderijos da casa, e principalmente por cima de um reposteiro da sala, descobriram-se mais os seguintes valores: 4:500$000 em coupons, cinco titulos de 500$000 réis, dous titulos de réis 1:000$000; dez notas de 20$000 do Banco de Portugal, vinte oito de réis 5$000; 110$500 réis em prata grossa, 41$300 em prata miúda; duas peças de 8$000, uma moeda de 5$000, uma libra, meia libra, duas moedas de 2$000, um cordão de ouro e 999$500 em prata e ouro. Fonseca foi logo preso e conduzido ás cadeias de Santa Cruz. As duas filhas d'este desgraçado tambem eram contempladas no testamento de Maria do Patrocinio.

Alguns dos herdeiros roubados, naturaes de Figueiró da Serra, compareceram hoje no tribunal e bemdiziam do poder judicial por lhes restituir a fortuna a que tinham direito. E' gente pobrissima. Cabem os mais bem merecidos louvores á authoridade judicial, e muito particularmente ao digno delegado, o sr. dr. Macedo Souto Maior, pela presteza e habilissima direcção dos esforços que empregou solicitamente durante quinze dias para descobrir este crime com todas as suas complicadas circumstancias.

Parece que ainda ha alguns valores sonegados.

Marquez de Ficalho

Reproduzimos hoje, na integra, o primeiro artigo do sr. D. João da Camara, que, no ultimo numero do *Occidente*, acompanha o retrato do nobre marquez de Ficalho:

Alto, magro, grande calva, longas barbas brancas como a neve, a pelle como um bocado de pergaminho amachucado. Valente como as suas armas bem temperadas, rijo como o aço de que eram feitas e como ellas um espelho.

Quando atravessava Lisboa, os velhos mostravam-o aos novos, os paes aos filhos, todos o conheciam, todos o estimavam. Elle a todos saudava com o seu gesto patriarchal: — «Adeus, adeus.» E seguia sorrindo com o seu ar bom, muito simples, e o cigarro que lhe amarellava o bigode. Elle não podia conhecer tanta gente, mas era tanta gente que o conhecia a elle, e vinha a dar na mesma: — «Adeus, adeus.»

Gostava muito de contar anecdotas aos novos, coisas muito velhas. E tinha muita graça, graça perdida de todo agora, a velha graça portugueza.

Ultimamente, não sahia. Vinha á janella e cumprimentava os visinhos. Defronte, tinha a redacção d'um jornal. E o Mordomo-mór gostava d'aquelles rapazes, que eram affectuosos para elle e que de lá lhe sorriam tambem. Todos tinham um logar no seu coração bondoso de velho christão portuguez.

Tivera um ideal, batera-se por elle como um heroe. Soffreu muito, teve desconsolos e maguas, glorias enormes, compensações momentaneas. Viveu n'um tempo em que a palavra *Liberdade*, lettra a lettra, se escrevia no céo, nos raios da estrella d'alva. E como os velhos cavalleiros medievaes por suas damas, batera-se por aquella, que quantas vezes os seus olhos sonhadores dos vinte e poucos annos veriam illuminada nas suas vestes purissimas como feitas da petala d'um grande lyrio. E porque elle soffrera muito, por isso lhe dedicára todo o amor. Amor vivissimo, amor terno, amor carinhoso, amor que lembra o amor de mãe, porque nenhum faz soffrer tanto, nenhum provém de maior soffrimento.

E porque tinha a consciencia de haver trabalhado, de haver combatido, de haver soffrido pelo bem de todos, n'aquella mystica e santa gratidão de homem generoso por aquelle a quem fez a dadiva, elle a todos amava, a todos sorria, porque todos lhe deviam alguma coisa.

E, por isso, entre a multidão respeitosa, passava simples e contente — «adeus, adeus» — como se todos fossem filhos. Ha pouco, uma prolongada doença trouxe-lhe a morte, morte tranquilla, final de um dia de verão enorme, resplendente, sem uma nuvem, continuado por um crepusculo sereno em que a noite se esfuma pouco a pouco. — «Adeus, adeus».

*

Antonio de Mello Telles da Silva foi o primeiro marquez de Ficalho, de juro e herdade, segundo conde de Ficalho em verificação de vida no mesmo titulo; par do reino por carta régia de 30 de abril de 1826, de que prestou juramento e tomou posse, na sessão da respectiva camara de 16 de agosto de 1834; conselheiro d'Estado effectivo; mordomo-mór na casa real; gentil-homem da camara da rainha a Senhora D. Maria II, d'El-Rei D. Pedro V, D. Luiz e D. Carlos; ajudante de campo de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro, regente do reino em nome de sua filha a Senhora D. Maria II, desde que esse principe aportou á ilha Terceira, a 30 de março de 1832, até ao seu fallecimento, a 24 de setembro de 1834; exerceu eguaes funcções junto do principe D. Augusto Carlos de Leuchtemberg e da Santa Cruz, principe de Eischstaed, primeiro esposo da Rainha a Senhora D. Maria II, acompanhando-o desde Munich até Lisboa; continuou no mesmo exercicio de ajudante de campo com Sua Magestade El-rei o Senhor D. Fernando II, até pedir a sua exoneração de official do exercito, que lhe foi concedida com as honras de tenente coronel; grã-cruz da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo e da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Merito; grã-cruz da ordem da Roza do imperio do Brazil; da Aguia Vermelha da Prussia; da distincta ordem de Carlos III de Hespanha; de Santo Estanislau da Russia; as *sociado provincial* da Academia Real das Sciencias de Lisboa; vogal effectivo do conselho de Agricultura, Commercio e Industria; sexto senhor de Villa Verde de Ficalho, e do Morgado na villa de Serpa; commendador de Santa Maria de Alcanêde, na ordem de Aviz e alcaide-mór da mesma villa; commendador de S. Pedro de Gouveias e S. Martinho de Pinhel na ordem de Christo.

Tendo nascido a 23 de agosto de 1806, succedeu no titulo de conde e senhor de Ficalho, bem como no morgado de Serpa, a seu pae, o primeiro conde de Ficalho, a 25 de agosto de 1812.

*

Apesar de todos estes titulos... Emendemos. Com todos estes titulos nunca a fidalga lhaneza, portugueza de lei, teve mais alto representante. E era por isso, decerto, que sempre o marquez de Ficalho encontrou no povo as maiores sympathias.

Portuguez d'alma, vida e coração, era-o pela raça, pela educação, pelo seu feitio physico e pelas tendencias do seu espirito. Dava-se bem com o povo; não creio que pelo espirito de democracia, mas porque o povo portuguez sabe ser fidalgo. Gostava muito de ouvir tocar guitarra e de todos os descantes populares em que o povo revela toda a sua singeleza poetica. E a alma firme e delicada do Marquez, comprazia-se na convivencia d'esses espiritos simples, que a alegravam pelos ditos picarescos, commoviam pela ingenuidade dos sentimentos, consolavam no meio das agruras e desillusões da vida, mostrando-lhe o povo bom como elle, como elle generoso, como elle delicado e fino. Educado nos velhos salões aristocraticos, a sua maneira de fallar, de contar as historias com gestos lentos de cabeça e mãos, seriam sufficientes só por si para definir um fidalgo de raça.

Graça ás pilhas nas anedotas. Memoria prodigiosa. Se falhava, punha de casa. E tinha mais graça. Filho e neto de militares, abraçou a carreira das armas, onde a Gloria foi prodiga para com elle. Os nomes de seus avós encontram-se nas paginas mais brilhantes da nossa historia, tomada da praça de Mourão, sitio de Badajoz, batalha das linhas d'Elvas. Seu pae, Francisco José de Mello, primeiro conde de Ficalho, tenente-coronel do regimento de infanteria 18, morreu em Salamanca, a 25 de agosto de 1812, em consequencia dos gravissimos ferimentos que heroicamente recebeu na batalha dos Arapiles.

Deixava vinva e cinco filhos. Mas essa viuva era como Cornelia e os filhos haviam de ser como os de Gracchos.

*

Corria horrivel o tempo. Prepara o inferno uma lucta medonha entre irmãos. Vinha do alto o exemplo: dividiam-se as familias em partidos. Irmãos contra irmãos, paes contra filhos. Todos tinham as suas idéas, mas essas idéas combatiam-se. Era forçoso que a lucta se generalisasse, que a sorte das armas decidisse a de cada um.

Tempo horrivel. Dizer-se d'um homem que era liberal, era abrir-lhe a porta do carcere, pesadissima porta que, uma vez fechada, só o carrasco tornava a abrir.

Exaltavam-se os espiritos. Ser louco, ser cruel, era quasi prova de virtude. Um frade em plena rua insultava uma senhora e arrancava-lhe do chapéo o laço azul e branço; uma pobre creancinha era obrigada a dar tres voltas á roda da forca, d'onde o pae a olhava n'uma careta horrorosa, d'olhos esbogalhados.

E a liberdade apparecia em sonhos á phantasia, como o remedio unico.

A condessa de Ficalho chamou os filhos e mandou-os partir.

Despediu-se d'elles no oratorio:

— «Meus filhos. Só Deus dá a virtude, e o valor é uma virtude. Peçam a Deus que lhes dê valor.»

Os filhos ajoelharam em frente do altar e a condessa ourou com elles.

Depois levantaram-se e vieram beijar-lhe a mão. Nem uma só linha se moveu n'aquelle rosto, nem um calafrio passou por aquelle corpo: aquellas entranhas que haviam dado vida áquelles que ella talvez mandava agora para a morte, ninguem diria que houvessem estremecido. Elles beijaram-lhe a mão e sahiram.

Quando, minutos depois, os creados entraram no Oratorio, a condessa de Ficalho estava desmaiada sobre os degraus do altar, hirta, vencida emfim, tantas seitas contradictorias, em que todos se declaram fieis devotos do Santo sepulcro e dos logares santos, apresentam a confusão e o contraste permanente das suas ideias e das suas aspirações religiosas.

No meio d'esta discordancia é doce todavia ver, n'esta grande cidade, a harmonia do catholicismo que, na sua unidade de fé e de caridade, une n'um só corpo as diversas nações e as differentes egrejas com a variedade dos seus ritos e da sua disciplina religiosa. Latinos, gregos, armenios syrios, maronitas, todos catholicos, representam, em Jerusalem, a unidade da catholicidade na sua universalidade.

Apesar d'isto, a harmonia catholica é quasi abafada pelas exigencias das seitas christãs do Oriente que, mais numerosas que os catholicos dos diversos ritos, querem ser consideradas como as senhoras dos logares santos.

Ora, para fazer cessar esta discordancia relativa ao tumulo de Christo, não será porventura um pensamento feliz attrahir á harmonia catholica as egrejas dissidentes do Oriente?

Mas para lograr um fim tão santo, era necessario fazer comprehender aos dissidentes orientaes o que é a egreja catholica. Cuidam estes que a egreja catholica é apenas a egreja do Occidente, isto é, uma egreja local e circumscripta, como a d'elles, a limites mais ou menos largos, e que procura invadir o Oriente para substituir as suas egrejas locaes e nacionaes. Era, pois, necessario destruir a falsa ideia que os Orientaes teem ácerca da egreja catholica e fazer brilhar o seu caracter proprio, o da sua universidade na unidade de fé e de caridade.

A sabedoria de Leão XIII comprehendeu isto perfeitamente, e, aproveitando o ensejo do Congresso Eucharistico de Jerusalem, quiz tornar sensivel ás egrejas dissidentes do Oriente, a harmonia da egreja catholica que, na sua unidade e na sua variedade, como n'uma harmonia musical, *discors concordia mecum*, sabe unir todas as formas ecclesiasticas e todas as egrejas de differentes seitas sob a unidade de direcção e sob a auctoridade paternal do successor de S. Pedro.

E este magnifico espectaculo da harmonia catholica não o vêem por ventura d'um modo sensivel n'estes ultimos dias em Jerusalem? Um cardial, digno representante da auctoridade papal, assistido dos dois patriarchas catholicos de Jerusalem, o patriarcha grego e o patriarcha latino, pois que Mgr. Jusef, com o titulo do patriarcha de Alexandria e Antiochia, toma ainda o de patriarcha de Jerusalem, com jurisdicção sobre um pequeno numero de catholicos gregos da Palestina, rodeado de bispos latinos de todas as nações, bem como de bispos do rito grego, armenio, syrio, chaldeu e maronita, em o congresso eucharistico, celebrou a glorificação de Jesus Christo, no augusto sacramento e na unidade de fé de todas as egrejas christãs que reconhecem a hierarchia.

Pela glorificação da divina eucharistia, não se demonstrou porventura que o centro do culto christão é Jesus Christo, no sacramento do seu amor, e que, pois que este sacramento não se póde realisar sem o sacerdocio hierarchico, é necessario, por consequencia, reconhecer a unidade da hierarchia afim de que, assim como o corpo real de Jesus Christo é um, um seja tambem o seu corpo mystico, a egreja? Mas como estabelecer a unidade hierarchica da egreja sem um chefe que a una n'um só corpo e a dirija nos movimentos da humanidade?

Todas as egrejas dissidentes do oriente que admittem o culto da eucharistia, desde a egreja grega até á sgreja da Abyssinia, representadas em Jerusalem junto do santo sepulchro, deveram comprehender que a egreja catholica não é apenas uma egreja local, mas uma egreja universal que estende os seus longos ramos até aos mais remotos confins da terra. Não podiam deixar de ver que podiam fazer parte d'aquella egreja e n'ella permanecer sob a auctoridade paternal e universal do Papa. Teriam tambem comprehendido que o Papado que sabe amar e glorificar Jesus Christo no mundo, o faz conhecer e amar por todos os povos, é tambem o unico que sabe realisar o reino de Jesus Christo sobre a terra, e que, sem a vida que deriva da direcção do Papa para a egreja universal, as egrejas nacionaes só têm uma vida inerte e as suas forças definham de dia para dia. O despertar para a vida christã só se pode realisar na egreja Catholica.

Não dizemos que os effeitos do congresso eucharistico se farão sentir immediatamente; mas a semente para a união das duas egrejas está lançada, e esta semente, com o tempo, ha de produzir abundante messe.

Entretanto, os numerosos peregrinos do Occidente viram o que são as egrejas do Oriente, tocaram com o dedo a possibilidade de harmonisar as ritos e a disciplina d'aquellas egrejas com a unidade catholica.

Pela sua parte, os orientaes reconheceram que encontrariam nos latinos irmãos naturaes na fé em Jesus Christo e na devoção ao Pae commum dos fieis. Uns e outros, como bons catholicos, podem cooperar na união das duas egrejas. No Congresso lançou-se a semente para a glorificação do sacramento da concordia christã, do sacramento que mata o odio e faz nascer a caridade. Ora, o amor faz nascer tambem a união.

O CONGRESSO EUCHARISTICO DE JERUSALEM E A UNIÃO DAS DUAS EGREJAS

E' da *Ordem* o seguinte artigo:

Jerusalem é a cidade que nos offerece o mais estranho contraste. Os christãos chamam-lhe com razão a *Cidade Santa*, pois que foi em Jerusalem que o divino fundador da egreja consummou os augustos mysterios da nossa redempção. Por isso os christãos vão em numerosas caravanas á Cidade santa para retemperar a sua fé e a sua piedade pela visita d'aquelles logares. Possuem estabelecimentos para conservar piedosamente tão santos logares e dar agazalhado aos devotos peregrinos. Se considerarmos, porém, os elementos que compõem a população de Jerusalem, não podemos deixar de dizer que Jerusalem é a cidade da *confusão*, uma nova Babylonia. Hebreus, musulmanos, christãos de todas as seitas; tal é a natureza dos seus habitantes. Ouve-se em Jerusalem o ecco de todas as linguas do Oriente e do Occidente. Lá vivem os hebreus para chorar sobre as ruinas do templo de Salomão e sobre a sua dispersão pelo mundo, sem esperança alguma de verem restabelecido o reino de Judá; os musulmanos, senhores da cidade, têm a guarda do Sepulcro, semelhantes aos soldados romanos a quem foi confiada a guarda do sepulcro de Nosso Senhor. Quanto aos christãos, divididos em

Representação

Damos em seguida a representação da irmandade dos Clerigos, erecta na cidade do Porto, pedindo o restabelecimento das ordens religiosas para o ultramar, approvada, por unanimidade, em definitorio de 2 de junho de 1893:

Senhores deputados da nação portugueza.—No uso legitimo de nossos direitos de cidadãos, garantidos pela Carta Constitucional da monarchia, e com a convicção sincera de quem advoga a causa sancta da religião e da patria, que é tambem a da civilisação, nós abaixo assignados, mesarios e irmãos da irmandade dos Clerigos, erecta na cidade do Porto, vimos respeitosa e confiadamente sollicitar os vossos suffragios, a fim de que seja legalmente auctorisado em Portugal o restabelecimento das ordens ou congregações religiosas, que eduquem e forneçam missionarios para as possessões ultramarinas portuguezas.

A grande e sensata maioria do nosso paiz, a quem tão sympathicas são, as ideias de liberdade e fraternidade vê com tristeza que Portugal não outorge liberdade a estabelecimentos d'essa ordem que tenham o nobilissimo fim de levar efficazmente a luz da civilisação christã a todo o nosso solo colonial, e principalmente ao continente negro; e deseja ardentemente que esses nossos irmão d'alem-mar, que portuguezes são, compartilhem dos immensos beneficios moraes e sociaes que a religião e o progresso nos proporcionam. Milhares de intelligencias, milhares de braços que deviam entrar no grande convivio social e dar impulso vigoroso á riqueza e prosperidade do nosso imperio colonial, e portanto da patria, ahi definham e perecem á mingua de mestres e de guias sufficientes, que com dedicação, desinteresse e perseverança os aproveitem.

As vastissimas e doentias regiões que lá temos a arrotear e civilisar exigem: *a*) muitos e muitos missionarios que, dotados de decidida vocação para a vida apostolica, vão annunciar ao indigena as verdades eminentemente praticas do Christianismo, e ao mesmo tempo educar-lhe o coração, ensinar-lhe a consolidar a familia, e fazer-lhe amar o trabalho; *b*) exigem muitos e muitos missionarios que vão substituir promptamente os que, victimas heroicas do seu zelo e caridade, succumbirem ao clima deleterio, ou sob o peso do trabalho; *c*) exigem muitos e muitos missionarios que, desprendidos de todos os laços terrenos, almejem unicamente a jubilação e premio d'alem campa, e a consolação de saberem que seus irmãos continuarão sua tarefa; *d*) exigem muitos e muitos missionarios que educados sob o alento maternal da patria, e instruidos convenientemente, não só conservem e firmem o prestigio do nome portuguez, mas tambem façam frente, já não dizemos á crescente inundação do Mahometismo na Africa, mas ao menos á impudente propaganda dos pastores-commerciantes inglezes, e norte-americanos, que vão acommettendo, sem treguas nem rebuço, o cubiçado torrão portuguez, dando ao indigena doses de um christianismo bastardo, e inspirando-lhe desprezo ou desconfiança da bandeira portugueza.

Não desconhecemos existir no nosso paiz o Real Collegio das Missões Ultramarinas, cujo fim proprio é formar missionarios para as nossa colonias. E os relevantes serviços prestados pelos excellentes filhos d'este instituto, merecem os applausos da patria agradecida. Todavia é um facto innegavel, porque está provado até á evidencia, que este illustre Instituto, e por muito ampliado e transformado que seja, nunca poderá formar annualmente missionarios, em numero sufficiente para occorrer ás principaes necessidades religiosas e sociaes dos nossos dominios ultramarinos.

Por outro lado, lives e independentes, sem nenhum laço que os prenda de um modo estavel e perpetuo, não podem esses poucos, não obstante sua boa vontade e aptidões, offerecer garantias de estabilidade ás estações civilisadoras que fundarem.

São estas garantidas, é essa copia de missionarios, são aquelles nobres predicados que as Ordens ou Congregações religiosas offerecem:

I.—Sem familia para proteger ou auxiliar, sem bens para administrar, sem commodos ou honras a ambicionar, porque a tudo isso renunciou heroicamente, não tendo portanto o coração apegado ao mundo, mas só inflammado no amor de Deus e do proximo, o Religioso é o missionario mais competente para levar e conservar accêso n'esses vastos e inhospitos sertões, o acho da verdade e do progresso.

II.—Em segundo instituições meramente humanas, as Ordens religiosas approvadas pela Egreja catholica, mas tendo um como impulso divino que as fecunda e desenvolve, teem sempre, como a historia attesta, pessoal numeroso para criarem missões, cobrirem as falhas que a fadiga e a doença n'ellas produzirem, acudirem ás necessidades occorrentes, e impedirem que as estancias fundadas se esfacelem, e desappareçam, como succedeu, pela suppressão dos conventos, a tantas outras, de que se encontram numerosos e tristissimos vestigios, principalmente na nossa Africa.

III.—Em terceiro logar, dispondo de variados recursos e aptidões, as Ordens religiosas teem unidos aos sacerdotes os irmãos leigos; uns para educarem o coração do indigena, inocularem-lhe o amor de Deus, o respeito á auctoridade, e as restantes virtudes moraes e civicas, os outros para lhe ensinarem a agricultura, a industria e as diversas artes e officios. Uns e outros auxiliam-se e completam-se harmonicamente, porque a unidade da obediencia os prende.

IV.—Por outro lado educados na patria, e com o santo fim de irem servir religião e patria, os futuros religiosos missionarios portuguezes, a exemplo dos seus antecessores dos seculos XVI, XVII e XVIII, saberão honrar, e fazer estimar e acatar a auctoridade da nação, e falo-o-hão, com tanta maior efficacia e ardor, quanto é certo que o amor da patria ao longe cresce apaixonado, e, correndo a por com a abnegação e o espirito de fé, sublima-se, e multiplica os heroes.

V.—Portugal, que deseja acompanhar o activo movimento civilisador, que a europa hoje promove, principalmente no continente africano, não pode deixar de proteger religiosos missionarios, a exemplo do que fazem as restantes nações, mórmente as mais avançadas do velho e novo mundo, as quaes emprehenderam ser esse um elemento não só utilissimo, mas indispensavel para a conservação e florescencia de suas colonias, e para fortificarem o prestigio de suas bandeiras.

VI — E, como pelo *Acto do Congresso de Berlim*, e pelo tractado com a Inglaterra de 1891, assignado pelo ex.mo conselheiro Hintze Ribeiro, actual presidente do conselho de ministros, o governo portuguez se obrigou a proteger e favorecer as missões protestantes, e a garantir o exercicio publico de quaesquer cultos, é evidentemente um acto de justiça estricta, de tino politico, e de patriotismo, não negar ás corporações religiosas, subordinadas aos Bispos portuguezes, a liberdade e protecção concedidas a corporações estranhas, e a cultos espuriores.

VII—Accresce, que no momento historico actual, vultos eminentes do nosso paiz, eximios e auctorisados patriotas, conhecedores profundos, ou testimunhas da situação do nosso imperio colonial, pondo de parte velhos

---

121

FOLHETIM

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

XIII PARTE

A MUSICA, O AMOR E O JOGO

XI

O SEHOR D. ISIDORO BOMDIA

O porteiro Schauf passeiava com visiveis signaes de mau humor, pensando no que teriam que communicar-se os dois primos em tão longa conferencia. O seu modesto relogio tinha já dado meia noite. Schauf, apesar da sua intranquilla curiosidade, resolveu-se a fechar o portão, e esperar, dormitando, que a visita sahisse.

— Em duas horas — disse elle comsigo — pode dar-se muito á taramella; mas, pelo que se vê, os dois primos ainda não chegaram a entender-se.

Schauf não era ciumento de *pur sang*. O seu coração fleugmatico não se inquietava por ninharias. Amava Lisette, desejava casar com ella, e nada mais. Estava, pois, o porteiro tratando de fechar a porta, quando ouviu passos na escada, e uma voz, que penetrando-lhe suavemente nos ouvidos, lhe fazia estremecer o coração.

Voltou a cabeça, e viu Lisette e seu primo, que, ao que parecia, se despediam, pois lhe ouviu estas palavras:

— Adeus, até ámanhã á mesma hora; o sr. Schauf é muito meu amigo, e mandará prevenir-me logo logo que chegar.

— Até ámanhã — respondeu Raphael.

E o porteiro viu passar o primo dedicando-lhe um sorriso amigavel.

Quando Raphael se perdeu de vista, Schauf suspirou e voltou a cabeça.

Lisette tinha desapparecido pela escada. O honrado suisso julgou muito prudente metter-se na cama, e sonhar só e sem cuidados com o seu amor, com as suas illusões, com a sua casa de madeira, e as suas vaccas.

Tres dias depois, por volta do meio dia, um homem bastante entrado em annos, a julgar pelos cabellos e suissas brancas, fundas rugas na testa e falto de dentes dianteiros, entrou pelo portal. Levava oculos de vidro fumado, e abordoava-se a uma bengala de castão de prata. Trajava modestamente mas aceiado. N'aquelle individuo, via-se um d'esses velhos honrados que vivem na paz e graça de Deus, d'um modesto rendimento, e dos proventos d'uma commoda reforma.

— O sr. de Tapulca? — perguntou com o ciciar de quem lhe falta algum dente.

— Não está em Paris — respondeu o porteiro tirando o bonet.

— Sinto bastante, porque se trata d'um negocio que lhe interessa... eu venho do Mexico.

— N'esse caso, se quer fallar com a senhora...

— A senhora não pode tratar commigo: o que sabe ella dos negocios do seu marido no Ultramar?

— Não obstante, pode escrever-lhe.

— Diz bem, homem. E pode fallar-se-lhe?

— Nada mais facil: suba por essa escada, pergunte pela senhora ao criado que está na ante-sala, e elle o introduzirá.

— Então com sua licença.

Schauf inclinou-se. Era a saudação mais respeitosa, que prodigalisava. O velho dos cabellos brancos subiu com o vagar que correspondia á sua edade, e quatro minutos depois estava no gabinete de Fanny. O velho tinha-se annunciado com o nome de D. Isidoro Bombia, proprietario mexicano.

Fanny não conhecia aquelle nome nem o appellido, nem ouvira nunca seu marido fallar de semelhante sugeito. Perguntou ao criado que qualidade de homem era.

O servo informou, que o sr. Bomdia era velho.

Fanny mandou introduzir. A ex-bailarina estava namorada e julgava-se correspondida. Estava, pois, disposta a ser amavel com todos, e a fazer quanto estivesse ao seu alcance.

D. Isidoro tinha aspecto de bondade e sorriso de anjo.

Quando Fanny viu aquella cabeça branca inclinar-se para a saudar, apressou-se a offerecer-lhe cadeira ao seu lado.

— Deus guarde a V. Ex.ª, minha senhora — disse o velho mexicano — Oh! não sei de que termos heide usar para lhe pedir que me desculpe o incommodal-a.

— Não me incommoda; pode dizer o fim da sua visita; pois supponho que esta visita terá um fim.

— Tudo n'este mundo tem rasão de ser; e n'este caso está a minha apresentação n'esta casa.

— Estou prompta a ouvil-o.

Este dialogo era em francez. D. Isidoro levantou a cabeça, e fitando em Fanny um olhar cheio de protectora bondade, disse depois de exhalar um suspiro:

— Antes de tudo, minha senhora, devo declarar-lhe que não sou mexicano, nem conheço o senhor de Tapulca senão de nome. Fanny ficou surprehendida. O velho porém sorria-se d'um modo tão simples, tão suave, tão pacifico, que a esposa de Tapulca tranquilisou-se.

— E' natural — continuou o velho — que V. E.ª se surprahenda de que eu tenha empregado o engano com o fim de ser recebido n'esta casa; mas não havia outro remedio. Uma senhora rica, joven e formosa, está exposta á maledicencia dos seus criados, e convem, portanto, que se use de precaução.

— Peço-lhe que se explique mais claramente.

— A isso vim.

— Pois falle, estou impaciente.

— Começarei por lhe dizer que o acaso me fez senhor d'um segredo.

E baixando a voz proseguiu:

— Este segredo importa muito que não seja descoberto pelo sr. de Tapulca.

Fanny recuou sem se mover do sophá, empalideceu e ficou olhando assombrada para aquelle velho, que a fitava sorrindo-se com a sua peculiar bondade.

— Socegue, minha filha; sou homem prudente, e a paz e tranquilidade d'um casal é-me tão querida como a minha consciencia. Venho salval-a e não perdel-a.

A pallidez de Fanny augmentava.

Levou as mãos á fronte como se sentisse dôr aguda e disse:

— Mas esse segredo... esse segredo com que me ameaça...

— E' coisa que succede todos os dias; casar um homem feio e rico com mulher formosa a quem póde chamar filha. Dado este caso, o amor dorme no coração da esposa um anno, dois e mesmo tres; mas um dia apresenta-se um homem que produz verdadeira revolução na alma d'essa mulher, e então ella sente despertar dentro em si uma coisa desconhecida, um fogo inquieto que abrasa e afaga ao mesmo tempo, que transforma os seus sonhos em delirio e lhe enche os dias de inquietação. A esta luta resiste-se pouco; compara-se o marido com o amante desejado, e da comparação resulta ficar vencido o primeiro. Chegado a este ponto, pega-se da penna e escreve-se uma carta concebida pouco mais ou menos nos termos seguintes:

«Cavalheiro. O passo que vou dar não tem desculpa alguma; mas não importa, estou resolvida, porque cheguei ao desespero. Ha alguns dias que passo as horas presa de horrivel inquietação. Conheço que me domina um pensamento criminoso, e não tenho valor para o repellir. Treme-me a mão ao traçar estas linhas; o meu espirito desfalleceu pensando na maneira como serei julgada pelo homem que veiu perturbar a minha tranquillidade, por aquelle que converte as minhas noites em delirio, e os meus dias em infinita amargura. Pense o que pensar, succeda o que succeder, escrevo-lhe, faço o sacrificio da minha vida. Se já alguma vez sentiu o que eu sinto, venha verme esta noite. A portadora d'esta carta poderá dar-lhe todas as explicações que desejar.»

Fanny deu um d'esses gritos que partem d'alma; grito indescriptivel que resume todas as dôres d'um coração despedaçado.

O homem que tinha diante d'ella, estava senhor do seu segredo. N'aquelle instante, Fanny pensou que Raphael era um d'esses homens vis que, abusando da fragilidade d'uma mulher, tornam publico o seu triumpho. Sob a impressão d'esta ideia exclamou com desespero:

— Oh! infame! Infame! Eu julgava-o um homem de bem!

E cahindo desamparada no sophá como se sentisse as forças esgotadas, chorou com a amargura com que se chora na juventude a morte de todas as illusões, da ultima esperança.

D. Isidoro Bomdia, que era ao que parecia tão meigo de rosto como duro de coração, deixou a afflicta Fanny verter algumas lagrimas como para desafogar, pensando que, para concluir o negocio que alli o levava, era de vantagem que a sr.ª Tapulca estivesse serena.

— Quando socegar — disse elle — farei uma advertencia que a honra me aconselha. Raphael David nada sabe d'isto, mas eu tenho aqui as cartas que elle recebeu.

Fanny ergueu a fronte. Os seus olhos formosos abriam-se d'um modo incrivel, girando com espantosa rapidez dentro das orbitas.

— Outra infamia! — exclamou a ex-bailarina.

— Repito-lhe que socegue. Raphael David, a quem não conheço senão de nome, está innocente, nada sabe d'isto, julga talvez que tem muito guardadas as cartas que tão grave desgosto causam a v. ex.ª, bem a meu pesar...

Fanny começou a olhar espantada para aquelle homem.

Então, pela primeira vez, se divisou no rosto do velho um mixto de bondade e audacia que era para estranhar. Aquelles cabellos e barbas brancas, aquella modesta compostura, contrastavam notavelmente com o brilho dos olhos e certos movimentos energicos, mais proprios da mocidade que da velhice. Mas Fanny estava muito fóra de si para fazer o estudo d'aquelle homem, que, como a desgraça, se erguia diante d'ella para a confundir. Apesar da sua excitação, comprehendeu que estava perdida se elle quisesse.

Era, pois, necessario saber no que devia firmar-se. Com prodigiosa ligeireza, com arranque digno d'aquelle tempo em que com tanta justiça lhe chamavam a deusa Therpsichore, levantou-se do sophá, correu á porta, fechou-a por dentro e collocou-se diante do velho, fitando-o com altivez, com gesto ameaçador.

D. Isidoro viu tudo isto de sorriso nos labios. Estava tranquillo, com as mãos apoiadas ao castão da bengala, olhando para Fanny com bondosa expressão.

(*Continua.*)

e ognados preconceitos, tem attestado publicamente, com a lealdade e franqueza que os nobilita, que é urgente que o governo portuguez auctorise o restabelecimento das ordens religiosas, sem o que não salvaremos esse principal apoio da nossa autonomia—o dilatado e glorioso patrimonio colonial, que nossos maiores compraram com o seu sangue.

VIII — E a esta respeitabilissima opinião teem adherido, com singular desassombro, muitos dos principaes orgãos da verdadeira opinião publica da nação; e se alguns outros, principalmente adversos ás nossas instituições, se não tambem á nossa religião, tem hostilisado tão patriotica e nobilissima causa, vós, senhores deputados, bem conheceis quanto significa tal impugnação: nem os melhores commettimentos, registrados em lettras de ouro nos fastos da historia, e que rasgaram horizontes de luz, de paz e de felicidade para a humanidade, deixaram de ser assaltados pela ignorancia de uns, e pela má fé e paixão de outros.

E' portanto em nome da religião catholica, da qual quasi todos somos ministros e que é a religião do Estado; em nome da patria que estremecemos como mãe, em nome dos desventurados indigenas das nosas colonias, em nome da liberdade e fraternidade, do progresso e civilisação—que juntamos o nosso humilde e convicto appêllo no da grande maioria do paiz que anhela seja legalmente auctorisado em Portugal o restabelecimento das ordens religiosas para servirem nas provincias ultramarinas portuguezas.

Foi com ellas que se fundou o padroado da corôa portugueza; sem ellas, elle decahiu; com ellas, e só com ellas pode e hade resurgir, e conservar-se.

O vosso incontrastavel patriotismo, senhores deputados da nação, o vosso elevado e sensato criterio, a vossa independencia de caracter, o vosso espirito culto e tolerante, a vossa esclarecida e pratica comprehensão dos beneficios da liberdade e da civilisação christã—, são-nos garantias de que não negareis vosso apoio a esta patriotica causa: negal-o, seria tornar impossivel o nosso resurgimento colonial, e incorrer na mais grave responsabilidade perante os dous juizes mais imparciaes e inflexiveis: Deus, e a Posteridade.

Porto, e Sala das sessões da Irmandade dos Clerigos, 2 de junho de 1893.

(*Seguem-se as assignaturas*).

SECÇÃO SCIENTIFICA

D. Maria Francisca Izabel de Saboya

Fallecido D. João IV, tomou as redeas do governo a rainha D. Luiza, a isso obrigada pelo testamento do rei e pela menoridade de seu filho Affonso VI. Os negocios do Estado não se alteraram em coisa alguma com a administração da rainha viuva; mudou-se simplesmente o nome do imperante, porque, como dissémos, D. Luiza foi sempre a vontade do marido; nem o padre Vieira, favorito de D. João IV, nem Fr. Domingos do Rozario, seu conselheiro privado, a dominaram alguma vez. Altiva e auctoritaria, ella attendel-os-hia em certas occasiões, mas nunca se escravisava á sua influencia. Embora nos campos da batalha o valor do nosso exercito levasse, por vezes, de vencida o arrogante castelhano, a regente, como astuta politica,entendeu que sem allianças que amparassem a corôa aos embates da fortuna, difficil seria a sustentação da independencia. A França e a Inglaterra eram o alvo dos sonhos dourados de D. Luiza; queria ella fisgar a amisade d'esses paizes com enlaces matrimoniaes que identificassem os seus interesses aos interesses de Portugal; seguia assim o procedimento de D. Manuel para com a visinha Hespanha, procedimento este, que, apesar de todas as rivalidades, sustentou o equilibrio da nossa tranquilla expansão ultramarina. N'este empenho, realisou-se em 1662 o casamento da infancia D. Catharina, irmã de Affonso VI, com Carlos II de inglaterra.

Tanger e Bombaim, foram os penhores da amisade portugueza e o dote da noiva de tão alto soberano. D. Luiza alienava uma pequena parte das colomnias para ajudar o bom resultado da causa nacional; effeitos de necessidades que se impõem e que, por desconhecimento de razões só sabidas dos coévos,a Historia mais tarde apreciou um tanto injustamente. Se Luiza de Gusmão comprou, com a entrega d'aquellas duas praças, a soberania da casa de Bragança, deve-se notar tambem que com a realeza da dynastia estava consubstanciada a independencia do paiz, que junto a Castella não era senhor do seu proprio torrão. E se mais tarde se tornou perniciosa a alliança de Portugal com a Inglaterra, ninguem tem direito a arguir a viuva de D. João IV, exigindo que embora fosse politica sagaz, podesse prever factos tão posteriores e filhos de circumstancias que á epoca pessoa alguma saberia divisar no horisonte. A Historia deve ser justa e como tal abençoar D. Luiza, que trabalhou varonilmente pela causa da sua patria adoptiva; e mesmo que então a alliança ingleza fosse um erro, bastava considerar o objectivo que iniciou, para o historiador absolver essa falta venial, praticada inconscientemente, filha da imperfeição da fraca humanidade. Sejamos justos e verdadeiros. Se a Inglaterra nos tem sido traiçoeira, tambem a França então nos chamou a si e nos abandonou conforme lhe convinha. Luiz XIV favoreceu a guerra com Castella unicamente para abater o poderio da Casa d'Austria; consentiu no enlace da filha do duque de Nemors com Affonso VI para avassalar este paiz á para dar principio á sua ambição de dominio na peninsula, revelada por elle, mais tarde,no celebre dito de despedida a seu neto Filippe V: *Meu filho, já não ha Pyreneus.*

Não foi o amor da justiça a causa do soccorro da França, mas o mesmo ideal de rapina que a Inglaterra levou ávante. E se esta soube vencer, não devemos esquecer aquella que da sua parte fez quanto poude para alcançar victoria. Afinal effectou-se o casamento do rei de Portugal com a princeza Maria Francica Izabel de Saboya, filha do principe Carlos de Saboya, duque de Nemours, e da princeza Izabel de Bourbon, neta de Henrique IV, de França. O contracto nupcial foi assignado em Paris aos 24 de fevereiro de 1666, sendo procurador de Affonso IV o marquez de Sande, Francisco de Mello e Torres, tronco da casa dos condes da Ponte, nosso ministro junto de Luiz XIV, e representantes da noiva o marechal duque d'Estrées e o bispo de Laon. Affonso VI era indifferente a todos os passos dos seus ministros para lhe arranjarem esposa. Desequilibrado pela paralysia que lhe tolhêra na infancia a alma e o corpo, o monarcha entregava-se á pratica dos vicios mais vis, descia aos principios mais condemnaveis, desauctorisando-se perante o povo que, apesar d'isso, venerava o rei como symbolo do principio augusto a quem devia a livre existencia.

Como contraste, o infante D. Pedro, irmão de Affonso VI, um galhardo rapaz, moreno, olhos e cabellos negros, typo peninsular, ardente, seduzia as mulheres á primeira vista e esgotava o amor em repetidos galanteios. Corpulento e robusto, cavalleiro e namorado, o infante attingia a mêta do ideal das populações occidentaes; encarnára o amor da plebe e o amor das salas, dominava as massas com os golpes certos da sua farpa de toureiro e attrahia as damas dos salões aristocraticos com o faiscar dos seus olhos bellos e com a contemplação sedenta da sua estatura varonil. Tinha tudo—formosura, valentia, garbo, gentileza; mas não tinha corôa. Era filho de um rei, cujo sceptro sustentava um impotente, quasi um doido. Para o principe subalterno a visão d'esse throno, que a elle, no seu entender, só devia competir, foi-lhe inoculada conscientemente pela mãe, ao ver os desvarios do filho primogenito; e d'ahi a semente lançada em terreno fertil, desabrochou, cresceu e desprezou obstaculos que lhe atrophiassem o desenvolvimento precoce.

Apesar de tudo, Affonso VI conheceu as intenções do irmão, que não tinha ainda quem lhe secundasse os esforços, quem tivesse força para erguer um throno e derrubar outro. Quando D. Pedro soube do casamento do rei, talvez visse n'esse facto o mallogro infallivel de todos os seus projectos. D. Affonso, mesmo meio tolhido, poderia continuar a dynastia, e então as pretensões do infante ficariam de todo nullas. Afinal alvoreceu o dia da chegada da rainha (2 de agosto de 1666). Lisboa vestiu gallas, quando a artilheria salvou a esquadra franceza. O coração de D. Pedro palpitava ancioso, abatido, ao ver desfolharem-se, uma por uma,as flôres das suas sorridentes chimeras. Mal diria que nas naus de França se guardava o seu unico amor, o ente criminoso que o ajudaria a realisar o sonho infame.N'essa mesma tarde, rei, infante, côrte e auctoridades foram a bordo prestar homenagem á nova soberana. Tinham forçado D. Affonso a assim procede. Não queria ir, entretido com a Calcanhares, expandindo as furias do seu genio violento que assassinava um desgraçado por entre beijos e caricias na sacrificada amante.

Quando D. Maria Francisca viu pela primeira vez o homem que a politica lhe destinára, viu tambem a negação completa das suas aspirações. Aquelle homem o que tinha de bom era ser rei... o contrario do infante, que desde esse momento, com a sua figura peninsular, conquistou a alma da franceza, alma depravada, affeita aos costumes libertinos da côrte de Paris. Já possuida d'esta idéa, desembarcou a rainha no caes da Junqueira, seguindo d'alli para a egreja de Santa Clara, onde o bispo de Targa abençoou o seu concorcio. Pouco depois adoeceu; D. Pedro visitava-a amiudadas vezes e n'essas continuas visitas o amor de ambos fundiu-se n'um só. Inconsciente, levado pelo impulso do coração, o infante adquirira a grande influencia que carecia para se sentar no throno. A amante queria ser rainha, mas não com um rei como D. Affonso VI; elle queria ser amado, mas não da esposa do seu proprio irmão... Era indispensavel o annular o matrimonio, para que o monarcha se mostrava inhabil, e era necessario tambem que se conservasse aquella mulher no seu pedestal, apartada de um marido que a desprezava e junto de um outro que a adorava do intimo da alma... Tudo foi uma comedia. Maria Francisca recolheu-se ao convento da Esperança (21 de novembro de 1667) e d'ahi mandou ás auctoridades ecclesiasticas o seu libello de divorcio (11 de janeiro de 1668). Instaurou-se o processo, dando-se então uma das mais vergonhosas scenas da Historia de Portugal. A franceza excedeu Leonor Telles no desbragamento publico. Teve um Andeiro que foi D. Pedro, mas não teve a sinceridade rude de o apresentar como tal. Fallava em *consciencia* e queria o *veridictum* dos canonistas.

Jesus Christo era invocado por aquella mulher, não para a soccorrer nas tribulações do crime, mas para a julgar na justiça da causa; e os que representavam o Redemptor—diga-se desassombradamente, escreva-se com a imparcialidade que a Historia exige—deram a sua sentença como aprazia a dois infames, abençoaram o indigno concluio como causa sacratissima, merecedora dos applausos sacrosantos. Em seguida uma revolução de palacio desthronou Affonso VI (23 de novembro de 1667), tomando conta do governo seu irmão o infante D. Pedro. Reuniram-se as côrtes de Lisboa (1 de janeiro de 1668) apoiando o procedimento revolucionario e a regencia do ambicioso principe. Poucos mezes depois (2 de abril do mesmo anno), o regente e D. Maria Francisca uniram-se pelos laços do matrimonio, coroando com a lithurgia o seu amor maldito. Era uma comedia, dissemos.

Cada um dos seus actos mais significativo e mais comico, mostrava bem claramente o estado de adeantada decomposição da sociedade portugueza, afogada ainda nos restos do grande nautragio das conquistas da India. No tempo de D. Fernando, que fez da côrte um harem e do reino um brinquedo de Leonor Telles, o povo, depois de 1385, rejuvenesceu,mostrou-se forte e viril, épico mesmo; agora, estimulado pelo proceder heroico de 1640 não teve força para reagir contra os do paço da Ribeira; cortejava, submisso, o regente e lamentava, condoido, o rei... Não houve um Fernão Vasques que intercedesse por Affonso VI, pelo vencedor das linhas de Elvas, do Ameixial, de Castello Rodrigo e de Montes Claros, deposto em nome da patria que seu irmão mais tarde havia de arruinar n'um tratado inqualificavel. Apesar d'isso, o seu nome é hoje glorificado á luz da Historia, porque teve a leal amisade de um homem da estatura de Castello Melhor. No coração d'esse homem sempre existiu a soberania de Affonso VI; sendo mais valioso o seu imperio que o summo poder do infante, atordoado pelo remorso e azorragado pela voz da indigna consciencia. Recluso em Cintra, sujeito aos limites do seu aposento, perseguido da desgraça que purifica as almas, a razão filtrou-se no meio do infortunio. Deu depois provas de innegavel lucidez. E quando elle lançasse os olhos sobre os amores da mulher e do irmão e os visse meigos, risonhos, estreitando-se em amplo abraço, n'uma felicidade mahometana, celestial, havia de sorrir ferozmente, com o riso da vingança consoladora, porque veria a imagem de um pobre, encarcerado, como elle era, percorrer as salas da regia vivenda e como punhal brandido pela mão do remorso, rasgar a tela de uma apparente ventura. E' que por mais infames que sejam as almas, sempre a consciencia como a percursora do castigo sem fim, as atormenta com a lembrança horripilante de crimes que se desejariam esquecer. Esta convicção e a lealdade de Castello Melhor foram os unicos lenitivos que Affonso VI encontrou na desgraça, foram anjos que lhe affagavam a vida, segredando-lhe que não era indigno de ser rei de um grande vassalo que resurgira um reino, e que a sua memoria servia de tufão devastador á felicidade roubada.

Felizes dos opprimidos quando teem a consciencia que são oppressores.

Affonso VI falleceu em Cintra aos 12 de setembro de 1683; a sua adultera esposa não tardou em seguil-o na jornada do tumulo.

Quatro mezes depois (27 de dezembro), succumbiu D. Maria Francisca Izabel de Saboya, sendo sepultada nas Francezinhas.

J. P. Franco Monteiro.

SECÇÃO AGRICOLA

OS NOSSOS VINHEDOS

A apresentação das novas propostas de fazenda deixaram attonitos os nossos lavradores, porque se forem convertidas em lei, a propriedade, e principalmente a viticultura, não poderá certamente subsistir com ellas.

Não comprehendo as regras de economia dos nossos financeiros nem o alcance das suas medidas. Tributando os generos de consumo, conoiderados de primeira necessidade, além do que comporta o seu preço, é querer privar o consumidor do seu uso e o productor da sua industria. Que se lance um imposto grande ás bebidas fermentadas de importação, e ainda mesmo aos vinhos de luxo, admitte-se; póde-se até considerar uma conveniencia, mas sobrecarregar ainda mais os nossos vinhos de uso-commum com tributos que elles não comportam, chega a ser uma espoliação

Abra bem os olhos o parlamento para essas medidas desregradas que se pretende lançar sobre a nossa mais importante cultura e venha depois dar conta aos seus constituintes da responsabilidade que tomou na votação das suas leis.

O vinho é a unica bebida fermentada de que faz uso o nosso povo, como é bem sabido, e ainda assim com moderação relativamente a outros povos, não sei se por sobriedade se por modicidade, porque vae sendo cada vez mais caro.

Para fazer-se uma idéa do consumo que o nosso povo faz em comparação do francez, com relação ás suas capitaes, vou transcrever um trecho da historia de ha mais de meio seculo, a esta parte:

«Sendo o vinho o mais rico e fecundo ramo da industria portugueza, não deixa por isso de ser bastantemente caro. O vinho commum de Lisboa vende-se nos suburbios a 40 e 50 centimos a garrafa. O habitante de Paris bebe n'um anno 112 a 113 litros de vinho, em quanto que o de Lisboa apenas d'elle consome 45 litros.»

Não sei a que correspondem agora as estatisticas aduaneiras, só sei o que é obvio a todo o habitante de Lisboa, que se consome muito mais do que entra, porque, por via de regra, não é só este mas tambem outros generos susceptiveis de se avariarem que são adulterados, e isto não só pela sua elevação de preço, como principalmente pelos grandes impostos que lhes pezam, dando em resultado ter o povo de pagar o *mixordia* que lhe expõem á venda, pelo custo de bom vinho, quando podia e devia tel-o puro e sem confecção prejudicial á saude, por um modico preço, se os direitos fossem mais accommodaticios ao genero; dando-se o caso do aphorismo popular — que o barato sae caro.

Abstenho-me de fazer mais considerações a este respeito para que me não considerem fóra da ordem, visto que não estou bem na indole d'esta revista.

O vinho vae tendo uma extracção á medida dos limitados fornecimentos que o commercio encontra n'esta região. De um dos primeiros commissarios, o sr. Machado, de Murtede, soube eu que só á sua conta tem comprado por aqui e na Beira Alta, além de mil pipas; os seus preços têem regulado de 50 a 55 réis o litro.

Por aqui agora, já o melhor regula por 1$200 os 20 litros.

Proseguem os serviços, com maior actividade de podas e empas.

Tem-se perdido tempo precioso para o tratamento das vinhas, por falta de sulfureto de carbonio, na estação competente d'esta escola, o que ainda agora apparece só depois de repetidas reclamações.

Com o primeiro fornecimento das vides americanas repetiu-se tambem o caso de não vir no seu devido tempo; mas d'esta vez, ao menos, não houve rateio para os mais modicos pedidos, como me aconteceu.

Da incerteza que se tem conhecido na protecção do estado, teem tirado partido alguns pequenos viveiristas d'esta região para satisfazer a procura das vides americanas que já se vae generalisando bastantemente.

Resulta d'aqui ser o publico menos bem servido, e provavelmente mal visado na escolha das castas com relação ao terreno a que são destinadas, e isto é um dos primeiros requisitos.

Vem agora a proposito ventilar uma questão que muito convém resolver a tempo n'esta transição da viticultura; é a escolha das castas que se devem enxertar para estabelecer um typo de vinho mais adequado e conveniente ao commercio, e este negocio deve ser submettido á resolução das escolas ou dos oenologos. Para que os nossos vinhos mantenham o credito da exportação é necessario estabelecer-lhes um typo ao paladar do consumidor.

Anadia.

Padre João Coutinho.

SECÇÃO LITTERARIA

A MULHER CASADA

Na Colchida havia em antigo tempo uma basilica, e n'esta um altar, onde se lia gravada em letras d'ouro a seguinte inscripção: A *mulher casada*. Sobre aquelle altar era venerada uma riquissima estatua, representando uma formosa mulher na attitude de beijar o esposo.

Proveitosa licção nos offerece aquelle glorioso monumento d'um povo de heroes, que em todas as occasiões soube defender a honra e a religião, sacrificando no campo da batalha o precioso sangue de seus filhos! Inscripção notabilissima era aquella, que, não obstante a sua antiguidade, ainda hoje traduz a pureza de sentimentos de uma nação, que assim consubstanciava n'uma estatua a ideia nobilissima da religião e o grandioso sentimento da patria!

E' que os habitantes da Colchida eram filhos da Asia, o berço da humanidade, e em todos os tempos a Asia subministrou os melhores conceitos moraes nos seus aforismos e nas suas maximas. Escrevendo no coração de seus filhos aquella symbolica e doce verdade—*na mulher não se deve bater, nem ainda com uma flôr*—a Colchida foi coherente, erguendo á mulher casada um altar.

Os filhos da Asia consideravam a mulher casada como um symbolo sacratissimo, e, quer na qualidade de esposa quer na qualidade de mãe, a cercavam d'uma aureola de respeito e de extraordinaria devoção. Como esposa, viam na mulher o complemento necessario do homem, a sua *metade* mais querida, o mais energico incentivo das acções heroicas, a companheira leal dos seus infortunios, a alegria de sua vida, a carne de sua carne; como mãe, n'ella contemplavam o vivo exemplo dos grandiosos commettimentos do seu filho, a sua conselheira mais intima, a sua mestra desinteressada, a unica ou principal fonte dos seus pensamentos bons ou generosos, a sua verdadeira educadora, a alma de sua alma.

Por esta forma assaz brilhante, os filhos d'aquelle benemerito paiz traduziam nos codigos das suas leis e no evangelho das suas crenças a ideia nobre e elevada de seu sentir para com a mulher casada.

Realmente a mulher casada, tanto pela sua especial posição na sociedade, como pela sua missão pacificadora, e ainda sob o duplo aspecto do esposa e mãe, deve merecer dos homens illustrados e das pessoas de bem toda a pretecção e respeito, todo o auxilio e veneração. Se do crente é dever sacratissimo adorar a hostia sacrosanta no altar da cruz, é do cidadão dever patriotico venerar e respeitar a mulher casada, em cujo altar se geram os filhos, as esperanças da patria. Assim como a religião faz do homem um ser virtuoso e santo, assim a mulher casada faz do seu esposo um ente util á patria. Nos braços da religião se criam os santos, nos das mulheres os beneméritos; em defeza da religião combatem os que esta educou; em defeza da patria batalham os que a mulher gerou. Por isso dizemos que o altar erguido na basilica da Colchida representa o symbolo mais augusto e mais verdadeiro do papel que perante a sociedade e a religião a mulher casada desempenha.

Infelizmente nem todos pensam assim. Gente desnorteada pelo vento tempestuoso das paixões desordenadas, sem educação, cynica em face do amôr devido a suas mães, traiçoeira da religião e da patria, tomou á sua conta farejar escandalos, avolumar suspeitas, fingindo encontrar aquelles e estas no procedimento innocente d'uma pobre mulher, cujo unico mal, na opinião dos maus, é ser casada. Quer a mulher seja alegre e agradavel, quer seja sombria e pouco communicativa, esteja ella collocada na esphera social muito superior, ou seja a meiga esposa, a companheira virtuosa d'um honrado artista, ha de forçosamente passar pelo cadinho da má lingua d'esses *leões* saídos dos canos de esgoto, que, de proposito, espalham as suspeitas mais infames, só com o fim de tornar as infelizes esposas criminosas aos olhos de toda a gente.

E' incrivel! A religião e a sciencia condemnam profundamente estas ouzadias e consideram-n'as um crime e um peccado. A religião nas suas *orações* vê no matrimonio um dos sete sacramentos, o qual representa o summo mysterio da Encarnação, união e grande amôr que ha entre Christo e a sua egreja; nas suas *invocações* pede para os nubentes as graças e os dons temporaes e espirituaes, e nos seus *conselhos* lembra á esposa a amabilidade de Rachel, a sabedoria de Rebeca e a fidelidade de Sara.

Por sua vez a civilisação e a sciencia, reconhecendo no casamento grandissimas vantagens, aconsélham o maximo respeito para com a mulher casada, pois que esta, no dizer d'um philosopho, concentra em si a felicidade do esposo, a moralidade dos filhos e as esperanças da patria.

Como pode haver paz e harmonia n'um casal, quando pelo espirito do esposo passe, ainda que levemente, a desconfiança da fidelidade de sua esposa? E todavia contra essa paz e harmonia trabalham os que propositadamente espalham calumnias e semeiam suspeitas. Como se hade estabelecer entre os irmãos e filhos o amôr filial e fraternal, desconfiados de que sua mãe prevaricou? E é certo que a esse criminoso estado de espirito os arrastou a má lingua dos malandrins emeritos.

Pessimo e muito ruim systema o de levantar contra a mulher casada a opinião publica, ou a opinião d'alguns, apenas estribada em leves suspeitas, em desconfianças avolumadas *ás vezes* por quem não merece credito algum! Quem assim compromette o socego do esposo, a honra das familias e a reputação de uma senhora, rica ou pobre, merece a severa punição das nossas leis e o execrando castigo de ser ferrado na testa, como antigamente se castigavam os assassinos e ladrões.

— Passe de largo! —devem todos gritar nas ruas publicas, quando encontrem alguns d'esses assassinos da honra alheia, que fazem d'uma senhora casada o posto horrivel das suas calumnias. A mulher casada é ao mesmo iempo um symbolo religioso e civil: representa a união de Christo á sua egreja, é a base de toda a sociedade e constitue o elemento primodial das nações e dos imperios; acercal-a, pois, d'uma athmosphera de suspeitas, fundadas simplesmente na affirmação alvar d'um tartufo, é concorrer para o desmoronamento da vida social, é destruir pela base a dignidade das familias, é lançar no caminho da deshonra a honra da patria.

Que a religião e a civilisação imprimam, por meio de ensinamento e dos castigos severos, nova orientação aos detractores da honra alheia, e todos verão que os filhos da Asia, erguendo no templo um altar com a inscripção mencionada, prestaram uma justa homenagem *á mulher casada.*

A. O.

ANNUNCIOS

EDITAL

Manuel Gançalves de Figueiredo, Reitor do Lyceu e Commissario da instrucção primaria do districto de Aveiro:

FAÇO saber que os exames de habilitação para o magisterio primario hão-de começar no dia 2 de agosto do corrente anno;—e outro sim que o praso para a apresentação dos requerimentos começa n'esta data e termina no dia 30 d'este mez, devendo-me ser entregues n'esta secretaria da Commissão da instrucção primaria, documentados na forma do artigo 259 do Regulamento de 28 de julho de 1881.

Aveiro, 3 de junho de 1893.

O Commissario,

Manuel Gonçalves de Figueiredo.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue,fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis,para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia,gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos,rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Para as creanças ou pessoas muito dereis uma colher das de sopa de cada vez;e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *unch* para as pessoas fracas ou convalescentes;prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar,e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro.Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

mar batalhões onde quizesse: ou antes—para até o convidar pelo attractivo das velhas cousas portuguezas — *levantar um terço, pôr-se mesmo de capitão de ginetes* etc. N'essa conjunctura podia mesmo v. s.ª ser investido n'um commando por voto dos comicios, tomar a auctoridade na sua origem, e servir a causa popular sem venialidade contra o decalogo democratico. Mas então revelaram-se-lhe em sonhos as desvantagens das armas de fogo, e os inconvenientes da organisação e disciplina militar, e foi-se outra vez para o Alemtejo aconselhar o uso da arma branca, e a guerra em *cirio*.

Muito consequente é v. s.ª em afastar o corpo das nossas luctas politicas. Para explicar os successos felizes, segue v. s.ª a doutrina da graça efficaz, e de todos os desastres vê com a sua vista de lince como causa occulta a traição. Assim vivendo nos nossos tempos afortunados não faria ao Deus de Ourique a afronta de o ajudar com a sua espada, e não é tão pouco avisado, nem tão máo apreciador do seu merecimento que agora vá inutilmente experimentar forças com a nova fatalidade das traições, com risco de não ficar voz propria para as denunciar.

Assim veio v. s.ª de Londres no *Belfast* em companhia de traidores, segundo v. s.ª diz, e para lá voltou na companhia d'elles. Assim fugiu v. s.ª dos campos da batalha, porque todo o exercito libertador estava atraiçoado, e veio sentar-se na camara dos deputados em 34, onde estavam os archi-traidores d'esse tempo. D'onde se vê que v. s.ª só teme as traições onde ha ballas, e não aborrece os traidores ás horas de jantar.

Capitaneou v. s.ª do Brazil para Brest uma turma de emigrados, e como elles se preparasse para vir para Portugal, fez-lhes as suas despedidas, puchando do peito em roncos de buzio de moleiro, os seus costumados exorcismos contra a tyrannia, e feita a rançosa oração desappareceu até chegarem dias bonançosos. Sabe a sorto que tiveram os seus companheiros? Pelejaram quasi todos, morreram muitos pela liberdade da patria.

V. s.ª accusa-me de ter esperado pelo protocolo. A accusação não é sua, mandaram-lh'a fazer. Tomo d'ella occasião para assentar d'uma vez para sempre que não devo responder pela gerencia das cousas publicas durante a lucta passada.

Eu não fiz parte do governo civil, ou militar da revolução. Não commandei exercitos. Servi com dedicação, e disciplina. Disse as minhas opiniões com comedimento, e cumpri pontualmente as ordens que me deram. Fiz quanto podia fazer, o que cumpria ao meu caracter, e á minha condição.

Queriam que eu fosse para o Porto repotrear-me n'uma cadeira de censor, deliniar planos de campanha nas sallas da junta, agitar os corrilhos politicos, passear as minhas dragonas pela cidade eterna, mirar-me ao espelho de popularidades baças, amofinar os amigos que tinha no governo, enfraquecer as auctoridades da revolução sem assegurar o seu triumpho, e empenhar-me em projectos tão impossiveis como desastrosos? Sobrava-me vergonha, lealdade, e juizo para cahir em tal miseria.

Queriam que eu tomasse a caricata postura d'um estadista portuguez, que me engolfasse todo em nigromancias politicas quando se tratava de pelejar, e vencer, que me preparasse n'uma posição ambigua para colher os fructos da victoria, ou arredar de mim os damnos da derrota, que me fizesse um santão patriotico para edificar o paiz com as minhas momices, que me acclamasse propheta depois dos acontecimentos, e salvador do que fôra salvo pelo suor alheio? Não tenho as grandes qualidades que esta missão requer.

Queriam que me pozesse em romaria diplomatica por essa Europa, que invadisse os gabinetes dos ministros estrangeiros, que catechisasse Mr. Guizot, propiciasse Lord Palmerston, e amimasse o sr. Pacheco. A questão era de armas, e tudo me faltava, até a vontade para similhantes embaixadas.

Que fiz pois? Na posição que me cabia como militar, e homem publico, esforcei-me por organisar forças, pelas augmentar, disciplinar, e puxar sobre Lisboa. Entendi sempre que o theatro da guerra maxime depois da batalha de Torres Vedras era o sul, que as delongas eram perigosissimas, as

Mas v. s.ª deixando a espada conservou a penna. Que largo campo não offerece esta epoca a um publicista tão distincto a um philosopho tão profundo como v. s.ª! Evangelise principios substanciaes, propague verdades fecundas. O mundo está sobre um pincaro. Nós havemos de ficar suspensos, cahir, ou escorregar com elle. Ampare-nos na queda. Prepare-nos bom assento no nosso predestinado paradeiro. Revele-nos os segredos da futura idade da civilisação, e mostre-nos quaes são na nossa terra os achaques da idade, que está a findar.

V. s.ª é monarchista democratico, monarchista dos tres poderes equilibrados, republicano unitario, ou federalista, simples socialista, phalansterianno, ou communista? Não se admire de eu o apertar com interrogações, porque á vista dos seus escriptos não se sabe a que freguezia pertence.

V. s.ª prosegue na traducção do seu Virgilio. Membro d'uma sociedade cambaleando, e tropeçando em ruinas offerece-lhe para se arrumar as costas do pio Eneas já carregado com o pai Anchises, moralisa-a com a historia das caçadas da rainha Dido, e explica-lhe as maravilhas do trabalho mostrando-lhe a fabrica do cavallo de Troia, que só por ser uma traição importa no conceito de v. s.ª um curso de historia e direito publico.

Com a devida venia, tambem a mim me parece absurdo sustentar, que a litteratura e a politica se não correspondem e auxiliam. Para o artista a sociedade é uma collecção de themas. Em cada epoca são preferidos aquelles que o espirito do tempo recommenda, e o espirito do tempo formam-no em parte os governos, os estadistas, e os publicistas. Quando uma idea predomina na sociedade breve apparece simultaneamente representada pelas artes, drammatisada, é cantada pelos poetas, escripta nas leis pelos poderes publicos, e recebida nos costumes pelas multidões.

Mas v. s.ª despreza estas bacharolices litterararias. Não dá confiança senão ás musas da sua infancia, e em vez de se lançar por mares nunca d'antes navegados, vai costeando a terra das traducções á sirga de mais ligeiros, e amestrados

Não vou para o hospital dos doidos, porque o não quero lá aturar em trajo, e estado de consul, ou dictador romano. Escolherei talvez a cadêa quando minha saude o permittir, e de lá ouvirá v. s.ª mais uma vez feita entre ferros a protestação dos meus principios, a que deu sempre o seu voto silencioso no pouco tempo que os cuidados da sua lavoura, a instabilidade do seu animo, e a irritação do seu orgulho me deram o gosto de o ter por companheiro, e seguidor.

O tugurio do patriota descontente não é mais sagrado do que o asilo do patriota perseguido. A sua casa, o nome só me podiam lembrar como mais um agasalho na carreira das minhas enfadosas perigrinações. Depois do seu escripto sei que tenho mais uma pessoa de quem me acautellar. Os indiscretos não são menos damnosos que os máus. Contra os denunciantes pagos ha o antidoto de maior paga.

Não acho pequena para mim a terra que me deu o berço, e que querendo Deus me hade dar a sepultura. Não abafo em Portugal, porque não abafei na Terceira, no Porto, na Serra do Pilar, e em Almeida, que as estancias da terra patria, onde se combate e padece por ella, nunca me parecerão apertadas. E v. s.ª? Oh! a sua alma é como a de Alexandre. Elle queria o mundo mais largo para o conquistar, v. s.ª para fugir por elle. *Haud pugnandum haud fugiendum.* V. s.ª embirrou com a conjuncção, e por cautella suprimiu a alternativa.

Só na sua chancellaria estão registadas as mercês que recebi, os cargos que desfructo, e as pertenções que tenho entre mãos. Nada falta no seu escripto. Junto á estatistica da minha ambição está o rol dos meus haveres. Quando v. s.ª me intima a sentença d'ostracismo proferida pelos seus areopagitas manda-me enrolar enxerga, e pôr pés a caminho: *tolle grabatum tuum, et ambula.* Ainda bem que a pobresa do meu espolio mostra que não tive parte nas devastações, e escambos das cousas nacionaes, em que segundo v. s.ª fui parte sem ser quinhoeiro. De grosserias suas me proveo v. s.ª muito bem, e não as tenho por pequena honra.

V. s.ª bem sabe que nunca devi a favor posto, honra,

EDITAL

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS

DO

DISTRICTO DE AVEIRO

3.ª SECÇÃO

ESTRADA DISTRICTAL N.º 65 DE SANTO AMARO, POR BUSTELLO, A PEDORIDO E Á FARRAPA

Lanço de Carregosa á Fárrapa

FAZ-SE publico que no dia 22 do corrente pelas 12 horas do dia, na secretaria da 3.ª secção da Direcção das Obras Publicas d'este Districto, n'esta cidade, e perante o respectivo chefe de secção, serão recebidas propostas em carta fechada, para a construcção de pavimento, regularisação de valletas e obras necessarias das seguintes tarefas:

4.ª TAREFA

Entre os perfis 119 e 155, na extensão de 618m,00

Base de licitação..... 480$000 réis
Deposito provisorio..... 12$000 »

5.ª TAREFA

Entre os perfis 155 e 195, na extensão de 645m,40

Base de licitação..... 490$000 réis
Deposito provisorio..... 12$250 »

6.ª TAREFA

Entre os perfis 195 e 216 (adiante 10m,00) na extensão de 448m,00

Base de licitação..... 340$000 réis
Deposito provisorio..... 8$500 »

Os depositos definitivos serão de 5 0[0 da importancia da arrematação de cada tarefa.

Os dezenhos, medições e condições especiaes da arrematação estão patentes na secretaria da secção em Aveiro, todos os dias não feriados, desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Aveiro, 7 de junho de 1893.

O Conductor, chefe da secção,

Antonio A. Severo d'Oliveira.

GRANDE LOTERIA DE DINHEIRO

GARANTIDA LEGALMENTE PELO GOVERNO SUPREMO

EM

HAMBURGO

500,000

Marcos ou cerca de

Réis 150,000$000

como premio maior são offerecidos no caso mais feliz pela Nova Grande Loteria de dinheiro, garantida pelo Estado de Hamburgo.

Mas em todo o caso cerca de

1 premio de réis	90.000$000
1 premio de réis	60.000$000
1 premio de réis	30.000$000
2 premios de réis	22.500$000
1 premio de réis	21.000$000
1 premio de réis	19.500$000
1 premio de réis	18.000$000
1 premio de réis	16.500$000
2 premios de réis	15.000$000
1 premio de réis	12.000$000
5 premios de réis	6.000$000
3 premios de réis	4.500$000
26 premios de réis	3.000$000
56 premios de réis	1.500$000
106 premios de réis	900$000
253 premios de réis	600$000
6 premios de réis	450$000
756 premios de réis	300$000
1237 premios de réis	150$000
33950 premios de réis	44$400

18991 premios de 90$000, 60$000, 45$000, 38$100, 30$000, 28$200, 20$100, 12$000, 6$000 réis.

A muito importante loteria de dinheiro, auctorisada pelo alto Governo de Estado em HAMBURGO, e garantida pela propriedade total do Estado, conteem 110,000 bilhetes dos quaes 55,400 devem ganhar com certeza. N'esta loteria o capital é de cerca de

3,200,000$000 RÉIS

A combinação favoravel d'esta loteria de dinheiro é de tal modo que todos os 55,400 premios acima indicados serão com certeza sorteados em 7 series successivas.

O premio principal da primeira serie é de reis 15,000$000, da segunda serie 16,500$000 reis, e eleva-se na terceira a 18,000$000 réis, na quarta a réis 19,500$000, na quinta a 21,000$000 réis, na sexta a 22,500$000 réis, e na setima a event. 150,000$000 réis, mas em todo o caso a 90,000$000, 60,000$000 réis, etc.

A casa commercial abaixo nomeada, convida respeitosamente pelo presente annuncio a interessarem-se n'esta Grande loteria de dinheiro.

Roga-se ás pessoas que desejarem dar ordens de compra, de juntar as respectivas importancias em Notas do Banco de Portugal ou de França, ou de qualquer outro paiz europeo, ou em sellos do correio, ou, o mais commodo, mandar o dinheiro por vale postale internacional do vosso paiz.

O custo para a primeira serie, é, para

1 bilhete original inteiro Marcos 6.—ou Réis 1$850
1 meio bilhete original Marcos 3.—ou Réis 925

Os preços dos bilhetes das series seguintes, sem como a distribuição de todos os premios e datas dos sorteios, todos os pormenores em fim, podem ser examinados no plano official.

O comprador receberá os bilhetes originaes, munidos dos sellos do Estado, e ao mesmo tempo o plano official dos sorteios, onde encontrará as informações necessarias. Logo em seguida ao sorteio cada interessado receberá a lista official dos premios extraidos, carimbada com as armas do Estado. O pagamento dos premios terá logar em conformidade com o plano promptamente, sob a garantia do Estado. Os premios são pagos em Reichsmark.

No caso em que, contra a nossa espectativa, o plano dos sorteios não convier a um dos interessados estamos promptos a tornar a receber, antes do sorteio, os bilhetes que não convierem e a restituir a importancia recebida. Se se desejar, o plano official dos sorteios é mandado gratis com antecedencia para se tomar conhecimento d'elle. Rogamos se sirvam mandar-nos as ordens o mais cedo possivel, mas em todo o caso antes de

28 Junho 1893

Valentin & Cie.

Casa Bancaria

HAMBOURG

cidade livre, Allemagne.

Os sorteios verificar-se-hão a 28 e 29 de junho de 1893.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31.

SEMENTE DE HORTALIÇAS

Novas, recebidas directamente do estrangeiro.

Loja do Povo—AVEIRO.

CAIXEIRO

HA um com pratica de negocio de capella e mercearia, cujo comportamento e probidade se garante. Quem o precizar pode dirigir carta á Administração d'este jornal.

DEPOSITO DE PÓ DE TIJOLLO

BOA QUALIDADE

Antonio Ferreira Felix Junior, vende-o a 2$500 réis a caixa de 100 tijolos. Cumprem-se pedidos para o paiz e estrangeiro.

Rua Direita, n.os 43 e 47.—AVEIRO

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

SERRAS MECANICAS DE FITA

A Fabrica de Fundição do Ouro, tendo em vista o maior emprego de operarios, dedicou-se ultimamente á construcção das serras mecanicas de fita, pelo systema das que têm vindo do estrangeiro, que melhores resultados tem produzido.

A primeira que se construiu está a funccionar na tanoaria do ex.mo sr. José Joaquim Correia Ribeiro, na rua do Torne n.º 24, em Villa Nova de Gaya.

Preços muito commodos e obra garantida.

Porto, 30 de janeiro de 1893.

O director gerente,

Luiz Ferreira de Souza Cruz.

PRENSAS E BOMBAS

PARA VINHO

A *Fabrica de Fundição do Ouro do Porto,* está construindo prensas de parafuzo e roquete, moveis, para o bagaço de vinho, pelo systema de **Wecker,** no Luxembourg, para todas as quantidades de bagaço e para qualquer pressão, que vende pelos preços das do estrangeiro.

Tambem está construindo bombas para trafegar vinhos, do systema de **Gaillot.** estando já algumas das que construiu a funccionar em Villa Nova de Gaya.

Porto, 26 d'agosto de 1892.

O director gerente,

Luiz Ferreira de Souza Cruz.

CHARRUAS S. S.

A Fundição do Ouro, no anno findo de 1892, debaixo da direcção do habil Regente Agricola, o ex.mo sr. Joaquim de Souza dos Santos, introduziu importantes melhoramentos na charrúa do systema americano, a respeito das quaes diz n'uma carta datada de 14 de julho, do mesmo anno, o ex.mo sr. Augusto Serrão de Faria Pereira, da Azinhaga, no concelho de Santarem, o seguinte: «*Fiquei encantado com o bom serviço produzido pela bella charrúa S. S. Faz optimo trabalho, vira a leira com a maior perfeição, e o rêgo é, em toda a altura, d'egual largura. Nas terras riquissimas das nossas propriedades, e que, custam muitissimo a trabalhar, profunda-se a lavoura até 0,26 c. sem difficuldade. Creio que a altura, quando o terreno em boas condições, será de 0,36 c. Far-me-ha o amigo o favor de me enviar mais duas charruas para a estação de Matto de Miranda.*»

Tão authorisada informação, prova os bons effeitos dos melhoramentos introduzidos, e a grande conveniencia de se fazer uso d'estas charruas.

Porto e Fundição do Ouro, 1 de fevereiro de 1893.

O director gerente,

Luiz Ferreira de Souza Cruz.

O ADVOGADO

BARBOSA DE MAGALHÃES

mudou o seu escriptorio e a sua residencia para o Largo da Trindade, n.º 17, 1.º—em Lisboa.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇAO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes, exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprictarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado n e-diante concurso para o serviço do exercito francez.

———(*)———

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

PRENSAS PARA AZEITE

A fabrica da Fundição do Ouro, tem promptas algumas prensas para extrair azeite do bagaço da azeitona, as quaes satisfazem a uma pressão de 250:000 kilogrammas, *e pela qual se obtem 2 litros d'azeite de cada ceira, depois de se rem compremidas com as varas.*

Vendem-se agora com grande abatimento.

Porto, 22 de dezembro de 1892.

O director gerente da Nova Companhia da Fundição do Ouro,

Luiz Ferreira de Souza Cruz.

ACCACIO ROSA

—

A NOSSA INDEPENDENCIA E O IBERISMO

Obra illustrada com o retrato do auctor, prefaciada pelo conselheiro,

A. de Serpa Pimentel

e precedida de cartas sobre o assumpto, expressamente escriptas para este livro pelos illustrados pensadores conde de Casal Ribeiro, G. Azcarate, Oliveira Martins, Raphael M. de Labra, Alves Mendes, Fernando Anton e Thomaz Ribeiro.

PREÇO 600 REIS

Vende-se nas principaes livrarias do reino e envia-se pelo correio a quem rometter a respectiva importancia ao editor F. da Silva, 8 a 12, Lisboa.

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

roga-se queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia *Praça de D. Pedro, 59, 1.º—LISBOA* a fim de receberem *gratis* o 1.º numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

JORNAL DE MODAS

LA MODE NATIONALE

A MODA NACIONAL

Publica-se todos os sabbados um numero com nunca menos de 20 desenhos. E' hoje o jornal preferido pelas elegantes e modistas. Supplementos de moldes cortados em tamanho notavel.

Preço do numero avulso 100 réis. Assignatura por 3 ou 6 mezes 800 e 1$500 réis.

Pedidos a Fontes P. Mello em Aveiro ou directamente á Agencia: 65, Praça d'Alegria, Lisboa. (Centro de assignaturas para todos os jornaes de modas).

POS DE KEATING
PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS

ABSOLULAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos,* são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que têem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor **Thomas Keating** e embrulhadas em papel verde. **Agencia e deposito em Portugal, Rua dos Fanqueiros, 114—1.º andar—LISBOA;** venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

PÓS DE KEATING.
PÓS DE KEATING.
PÓS DE KEATING.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º

PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala e, por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇÕES

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191 1.º—PORTO

E NAS LIVRARIAS

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

ou emprego. Ganhei em certame publico a minha cadeira de professor. Fizeram-me official quando a banda era só recommendação para a morte. Condecoraram me duas vezes porque os meus superiores disseram que pelejára com distincção. Quando as liberdades do paiz bradaram soccorro, fiz tanto caso d'estas estupendas grandesas, como fizera da vida para reganhar para mim essa patria, que não estimo, e para v. s.ª, que amando-a apaixonadamente só a procurou passada a estação dos perigos, e entrada a das candidaturas que tanto desdenha.

Era melhor por certo que eu podesse alimentar o estado com as minhas rendas, ou doutrina-lo e enobrece-lo com as minhas luzes. Bem sei que muito mais honroso, e decente me seria subtrahir-me a toda a obrigação, declarar-me feliz independente, arrastar a vida n'uma d'estas condições equivocas, em que a austeridade é um mister, a isenção de todo o compromettimento abonação de puritanismo, e a ignavia, e a velhacaria direitos de censura contra aos laboriosos, e dedicados. Consola-me porem que temos na nossa terra cidadãos prestantes que passaram do claustro para o quartel, do quartel para o bofete de escriptores *bofarinheiros,* e que em todos estes estados nutriram sempre com o seu sangue a nação que lhes deve tudo.

Ha quem repare que v. s.ª com tanta rigidez de caracter, tanta valia de homem publico, patriotismo tão fervente, e sciencia tão profunda nunca tenha sido objecto especial da sanha dos governos, nunca acudisse ás angustias publicas com o braço, ou com o conselho, nem se mostrasse propugnador incessante de alguma idéa grande, e fecunda, que quebrasse o fado d'abatimento que v. s.ª confessa pesar sobre nós. Não sou eu do numero d'esses nescios que sei bem que o primeiro cuidado d'um *homem palladio* como v. s.ª, é não cahir nas mãos do inimigo para lhe não entregar a patria, destavorecida dos deuses immortaes.

Morreu a constituição em 1823, e a pocirada de Villa Franca cubriu por tal modo o vulto radioso de v. s.ª que não se distingue na turba dos vencidos. Catão burlesco embarcou

que o figuredo de gesso d'um moldador italiano, ou a nomina surrada d'um madraço ermitão.

Depois que as agitações politicas sugeitaram a carreira militar a frequentes contingencias v. s.ª sacrificou ao seu socego o fructo das suas fadigas. Não quiz submetter-se aos mandões de cada partido arvorados em governo. Estava já enfadado da disciplina que não obstante o seu horror ao dominio estranho sempre respeitára, quando o exercito portuguez era tratado pelo proconsul britanico como um regimento de Sypaes.

Se v. s.ª continuasse a carreira das armas poderia estar hoje um general, e como guerreiro e magistrado ter fundado na nossa terra a melhor das republicas. E porque lhe não serviriam, para escusar as habilitações officiaes de profissão e gráu, a lição das cousas romanas, e os exemplos modernos de tantos homens elevados a grandes capitães só pela bravura e genio? Se eu tivera os dotes de v. s.ª não deixaria de aproveitar com elles á causa publica por não ter o meu nome no almanak militar. Que teriamos em v. s.ª um cabo de guerra capaz de nos tirar d'apuros, persuadem-no as doutas reflexões com que v. s.ª no seu escripto alumia a obscura historia das operações do exercito castelhano movendo-se para a conquista de Portugal. Ahi descubrio v. s.ª como depois da lamentavel jornada d'Africa a providencia se declarou de todo contra os portuguezes, não só permittindo que as alturas nas visinhanças d'Alcantara, bandeadas contra D. Antonio, dessem passagem á cavallaria castelhana, mas fazendo com que ella não fosse vista nem sentida pelos que por outra banda defendiam aquelle ponto. Por esta forma a nossa nacionalidade, segundo a sua tactica, não póde com os estratagemas de guerra mais triviaes, nem se obriga a resistir a ataques de flanco, e a cargas de cavallaria. V. s.ª deve bem ter marcado os sitios por onde passou a cavallaria do duque d'Alva, e para exemplo de traidores parecia-me justo que todos os anniversarios de tão triste desastre aquelles degenerados montes fossem castigados com açoites, como não sei que despota aziatico fez a um rio.

composições impossiveis, que receiar as consequencias da victoria era arrisca-la, que contar com juizo da côrte era enervar a revolução, em fim que era preciso vencer, ou ser vencido.

O que escrevi, disse, e fiz concorda com estes pensamentos que ao passar o Téjo no dia 9 d'outubro pela manhã levava já na cabeça, e de cuja exactidão me foram convencendo os successos quotidianos.

Muito deve pezar o triste desfecho da mais esperançosa revolução de Portugal áquelles que lhe negaram os seus serviços para attenderem aos seus commodos e interesses. Foram sobre maneira contrariados os progressos das armas populares por falta d'alguns officiaes de marinha, que primeiro cerravam os ouvidos aos repetidos convites que lhes fizeram para tomarem o serviço da junta, depois insoffridos na prizão por *badalar* blasfemavam contra quem não obedecia ás primeiras intimações dos alliados, e que ultimamente entraram em promoção com os *leaes* recebendo postos, e antiguidades no tempo em que para os seus correligionarios politicos não ha leis, nem preitos.

E são estes que fallam do protocolo. São estes que tem tempo para lamentar as desgraças publicas, quando todo lhe devia ser pouco para chorarem a vergonha de haverem concorrido para ellas pela sua indecisão, e calculos interesseiros. E deviam á revolução, que abandonaram, commandos, *absolvições,* honra e proveito!

E v. s.ª porque não levantou um alerta terrivel, que soasse desde o Minho até ao Guadiana, que fizesse brotar da terra exercitos instruidos, e equipados, que desimaginasse os visinarios do effeito *das intimidações,* e que arremessasse sobre Lisboa todas as forças da revolução para aqui escreverem com as bayonetas o novo estatuto das liberdades nacionaes? Porque se não apresentou aos generaes como os commissarios da convenção, propondo-lhe a dura alternativa de victoria, ou morte? Ha homens, que desvellados em trazerem sempre bem composto o andor das suas virtudes, e bem resguardado o santo milagre da sua importancia, nem ousam do

tranquillamente em Utica com permissão de Cezar, e por uma viagem de capricho, provou quanto a tyrannia se receiava das suas virtudes, e quão pouco custava ser heróe n'aquelles ditosos tempos.

Sem figuras. V. s.ª protestou como deputado contra o restabelecimento do governo absoluto, e logo como militar foi pedir permissão ao ministro da guerra d'esse governo protestado para sahir fóra do reino. V. s.ª ficou, quiz ficar no exercito dos inauferiveis. Vendeu a honra para salvar o posto. Esperou que lhe despissem a farda, e como as patentes não eram então propriedade, cada hora que lh'a conservavam foi um favor que recebeu.

Em 1828 desembarcando v. s.ª no Porto foi nomeado pela junta, inspector dos batalhões nacionaes. Eram muitos e em todos sobrava valentia e enthusiasmo. Tinha eu praça em um d'elles, e esperava impaciente, como os outros meus camaradas, que v. s.ª nos apparecesse para com a sua presença reanimar a confiança vacillante, ou confortar-nos depois nos trances porque passamos. V. s.ª houve por melhor tomar a via maritima para Inglaterra para começar alli sem demora a debellar a tyrannia por meios diplomaticos, como fizer a com as armas.

Por igual modo procedeu v. s.ª na revolução do Minho Era ella popular na gemma. Offerecia-lhe ensejo de tratar em toda a intimidade a arraia miuda, e de dispor da força viva, e incorrupta da nação.—Tomou v. s.ª então o caminho do Alemtejo, e aposentado em Evora como um papa em Avinhão, declarou heresia a critica historica, e para exaltar o valor portuguez lançou á conta do proprio braço de Deus as batalhas que nos levantaram em nação, conseguindo por este só escripto que a revolução detida nas provincias devassasse Lisboa, e não fosse despedida no caminho com boas palavras, e despachos interlocutorios! Quando cheguei de França, já por industria de v. s.ª estava segura a causa popular, e de sobrecelente reunidos muitos meios para atalhar algum perigo inesperado.

Depois da reacção d'outubro muito facil lhe seria for